P.E CASEMIRO CAMPOS, S.D.N.

À ESPERA DO NOIVO

prefácio
de
MONS. ÁLVARO NEGROMONTE



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITÔRA

"Admoestador, confidente, amigo, conselheiro e guia tem sido o Padre Casemiro Campos para milhares de jovens, em sua vida de educador, conferencista e diretor espiritual. A lida com essas almas môças lhe ensinou o segrêdo do coração da juventude. O que êle escreveu aqui, ensinou centenas de vêzes na sua vida de missionário da mocidade. Fala com a autoridade da experiência.

O livro foi escrito para fazer o bem. Vê-se que não tem outro fito nem outros cuidados. O autor escreve com os olhos nas almas. Os seus leitores o compreenderão, porque sentem que são compreendidos. Dêste recíproco entendimento virá na certa o êxito dêste livro — o bem espiritual, o lar feliz, único alvo a que êle visa."

(Do prefácio
do *Mons. A. Negromonte.*)



2-3-1963
Este livro pertence
a Zelia

200

A ESPERA DO NOIVO

OBRAS DO AUTOR:

EDUCAÇÃO SEXUAL
HISTÓRIAS PARA SEU LAR
UM BRASILEIRO NA EUROPA

Publicadas pela Editôra "O Lutador"



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITÔRA
ESTADO DA GUANABARA: Av. Nilo Peçanha, 12, 6.º and., RIO DE JANEIRO
Filiais:
SÃO PAULO: Rua dos Gusmões, 100, SÃO PAULO
PERNAMBUCO: Rua do Hospício, 155, RECIFE
MINAS GERAIS: Rua São Paulo, 684, BELO HORIZONTE
RIO GRANDE DO SUL: Rua dos Andradas, 717, PÔRTO ALEGRE

P.E CASEMIRO CAMPOS, S. D. N.

À ESPERA DO NOIVO

PREFÁCIO DE
Mons. Álvaro Negromonte

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITÔRA
RIO DE JANEIRO — 1960

NIHIL OBSTAT

Manhumirim, M. G., 20/8/59

P.e Paschoal Rangel, S.D.N.

Censor



Imprimatur

Manhumirim, M. G., 20/8/59

† José Eugênio
Bispo Diocesano

COMO PREFÁCIO

Vida flagrante — espontânea, natural, refratária a artifícios, porque quotidiana e diuturna — o lar revela os caracteres com fôrça insuperável. Não há máscaras que lhe resistam. Resistem aos encontros fortuitos, mas caem fulminadas na convivência diária. Aí nos manifestamos como somos, em fidelíssimos retratos d'alma, sem retoques e aformoseamentos outros, além dos que nos legou a natureza ou nos acrescentou a educação.

Por isso, deve vir de mais longe a preparação do lar feliz. Sugam-na as criancinhas no leite materno, gravam-na as retinas inocentes dos pequeninos, sentem-na os filhos nas doces e tolerantes atitudes dos pais. Como tudo na educação, rebenta de fundas raízes escondidas no berço; de modestos cuidados na formação de hábitos; de solicitudes imponderáveis como grãos de areia, que, como êles, se ligam para o alicerce e o revestimento do edifício doméstico.

Na criancinha voluntariosa, ditatorial ou caprichosa, já podemos divisar o marido autoritário ou a espôsa exigente e imperativa. Ambos talhados para a infelicidade conjugal.

Mais do que na adolescência ou na mocidade, é no jardim-de-infância e na mamadeira que se aprende a boa convivência doméstica, que, afinal, é mero fruto da boa educação.

Sabe-o muito bem o Padre Casemiro Campos, que é um educador. Mas sabe igualmente que não é possível abandonar os que aí estão enfrentando os problemas preparatórios do matrimônio, sem o necessário equipamento. Adolescentes que sentem os primeiros apelos do sexo ou moços que escolhem o futuro cônjuge reclamam uma palavra de alerta, um grito de advertência, um conselho de prudência, uma atitude compreensiva e amiga, em que êles confiem e que possam seguir com segurança.

Admoestador, confidente, amigo, conselheiro e guia tem sido o Padre Casemiro Campos para milhares de jovens, em sua vida de educador, conferencista e diretor espiritual. A lida com essas almas môças lhe ensinou o segrêdo do coração da juventude. O que êle escreveu aqui, ensinou

centenas de vêzes na sua vida de missionário da mocidade. Fala com a autoridade da experiência.

O livro foi escrito para fazer o bem. Vê-se que não tem outro fito nem outros cuidados. O autor escreve com os olhos nas almas. Os seus leitores o compreenderão, porque sentem que são compreendidos. Dêste recíproco entendimento virá na certa o êxito dêste livro — o bem espiritual, o lar feliz, único alvo a que êle visa.

A. Negromonte

JOVEM LEITORA:

O fato de você abrir êste livro prova talvez que seu coração já despertou para os mistérios inquietantes do amor.

Se você já se perturba na presença real ou imaginada de um jovem; se o seu coração já escolheu dentre os moços de suas relações o eleito de seus sonhos; se você já ama ou deseja amar, é para você que êsse livro foi escrito. Não é pròpriamente um livro de formação da jovem. Nem mesmo uma orientação completa sôbre o amor. Não, não foi esta a pretensão do autor.

O alvo destas páginas é antes de tudo indicar ao barquinho trêfego de seu coração alguns rochedos quase à flôr dágua onde o seu amor poderia naufragar. Por isto mesmo alguns parágrafos são antes negativos que positivos. Deu-se de propósito muita atenção aos "perigos do amor". Talvez porque quem escreveu estas páginas não é um homem de gabinete. É alguém que freqüentou, por muitos anos, os meios juvenis, os divertimentos juvenis.

O que aí vai escrito sôbre os naufrágios do amor e os meios de evitá-los não foi bebido nos livros mas na vida real. Se alguma vez o autor lhe parecer um pouco rigoroso, mormente ao tratar do "beijo", do "flêrte", do namôro, etc., veja nisto apenas a sinceridade, o desejo de ver seu coração singrar o mar arriscado do amor sem a derrota de um naufrágio.

Você, menina, como adiante diremos, não pode mudar a psicologia dos rapazes. Mas pode "ensiná-los" a se controlar, a respeitar o amor.

Êsse livro quer ajudá-la. O livro é seu.

À ESPERA DO NOIVO

SONHOS DE MÔÇA

Abrigada entre montanhas, a vila solitária vivia bem sossegada. Ali não chegara ainda o tropel da civilização, promovendo o progresso, ampliando ambições. No fundo do vale passava o córrego. As águas limpas desciam em busca do mar, gemendo monótonas na bôca de pedra das cascatas. Um dia, fêz-se uma reprêsa, captou-se a energia do córrego, montou-se uma usina elétrica.

Tudo ali mudou. À placidez antiga sucedeu o bulício ofegante, a vida tumultuosa das cidades civilizadas.

Aquela cidade é você, jovem leitora. Anos atrás seu coração dormia. Sua alma sonhava sonhos infantis que não lhe turbavam a quietude íntima. Fôrças ocultas invadiram, lá pelos 14 anos, tôdas as células de seu corpo, com ressonâncias poderosas em sua alma de adolescente. São os hormônios.[1] Glândulas, inativas na infância, segregam, a partir da adolescência as substâncias hormônicas. Elas condicionam e presidem a transformação da menina em môça, e todo o dramatismo psicológico dessa quadra da existência feminina.

1 Tratamos apenas dos hormônios determinantes dos caracteres sexuais secundários e estimulantes das funções relativas à procriação.

As mulheres, disse alguém, gostam dos extremos. Particularmente a mocinha. Em certos momentos, otimista, corajosa, eufórica. Outras horas, sem saber por que, abatida, desanimada, triste, pessimista. Ontem meiga, hoje, uma pilha elétrica. Não se admire, não desanime. É assim mesmo.

* * *

"Do teu príncipe ali te respondiam
As memórias que na alma lhe moravam.
De noite em doces sonhos que mentiam
De dia em pensamentos que voavam."

Você pensa no seu príncipe, sonha com êle acordada ou dormindo. Engrandecê-lo, sublimá-lo, amá-lo e sentir-se amada por êle.

"Voar, varrer o céu com as asas poderosas
Sôbre as nuvens correr o mar das nebulosas
Os continentes de ouro, o fogo da amplidão."

Voar, mas com êle, ao lado dêle. É por isso que a mocinha delira com as novelas. Sua imaginação fantástica vive por vêzes num mundo falso, inexistente, sempre prestes a desmoronar-se, sob os golpes da realidade. "Chegara a essa idade das quimeras, dos sonhos, dos enlevos os mais ternos."[2]

Salvo as exceções, é mais ou menos assim tôda mocinha.

---

2 Guerra Junqueiro, *Batismo do Amor.*

AMOR

A gruta era escura e fria. Mas alguém abriu uma clarabóia no teto. O sol a pino inundou-a de luz e calor. A gruta transfigurou-se de repente. Assim o coração, a alma, todo o ser de uma jovem deslumbrada pelo seu primeiro amor. Uma seiva nova e fulgurante a envolve. Refolhos d'alma até então ignorados surgem à tona da consciência como bando alvissareiro de pássaros chilreantes e inquietos. Ela se sente transportada ao Céu, consoante a frase de Geibel: "O amor é a escada de ouro por onde o coração se eleva ao Céu". Cuidado, menina, que esta escada costuma quebrar-se pelo meio antes de se atingir o tôpo!

Ei-lo, o príncipe encantado com quem ela sonhava dormindo e sonhava acordada. O cinzel da imaginação o talhou de acôrdo com seus sonhos de amor. Mais que nunca, na adolescência feminina é verdade que, visto com amor, o corvo é branco.

EU TE AMO

Enlevada, delirante de ventura, ouve, a vez primeira, a jovenzinha estas palavras dos lábios "angélicos" do amado: "AMOR! A que abismos não precipitas o coração humano"![3]

---

3 Virgílio.

Na sua inexperiência cândida, quase infantil, jamais suspeita a mocinha que aquelas palavras talvez sejam mentiras.

QUE É O AMOR?

Não podemos entrar em profundezas filosóficas sôbre a natureza do amor. O que em geral interessa à môça não é a teoria exaustiva do amor, mas tão-sòmente o sentido emocional, seu aspecto prático, suas possibilidades.

Todo amor é, em última análise, uma inclinação daquele que ama para o que é amado. Pode-se amar a si mesmo, amar outras pessoas ou coisas, amar a Deus.

Nosso objetivo não comporta amplas considerações sôbre as multifárias tendências e manifestações da grande paixão humana.

Limitemo-nos, pois, a três facêtas do amor, o bastante para analisarmos e penetrarmos bem o sentido da inclinação de um sexo para o outro, tendência natural, querida por Deus, mas espantosamente degradada pelo sensualismo burguês.

TRÊS AMÔRES:

a) Amor sexual
b) Amor espiritual
c) Amor cristão

a) Amor sexual é aquêle que busca no parceiro apenas a satisfação carnal, do desejo meramente sensual, visando tão-sòmente o prazer. Ama-se a outra pessoa enquanto ela proporcionar gôzo erótico, prazer meramente animal. Cessada a esperança dêsse prazer, ou saciado o desejo da posse, o amor sexual esfria, e morre. Não raro, se transforma em ódio.

São diários os casos de um rapaz transpor céus e terra por "amor" de uma donzela e depois de possuí-la, abandoná-la, desprezá-la, odiá-la. O amor sexual, é, pois, a morte do amor, a animalização do homem, a degradação da pessoa humana.

São do Dr. Carnot estas reflexões: "Quando digo: eu gosto de carneiro, quero dizer apenas que me agrada o prazer que me dá ao paladar a carne de carneiro. Na realidade, é de mim que gosto. A prova é que aceito que o carneiro seja degolado para me proporcionar êste prazer."

Infelizmente a literatura moderna, "alta" e baixa, "científica" e popular; os divertimentos mundanos; em suma, todos os centros de interêsse da juventude estão saturados da idéia de que amor e sexo são têrmos equivalentes.

Malgrado a reação construtora de luminares da Medicina e da Psicologia, de livros como os do P.e Negromonte, de Júlio Payot, Dr. Carnot, Dr. Irineu de Vasconcelos, etc. etc., as môças não tenham ilusões. Para a maioria de nossos rapazes, estudantes e operários, ricos e pobres, ignorantes e letrados, amar é saciar desejos carnais. "Isto não é amor, é paixão.

Não atinge os corações — fica nos instintos. Não estreita as almas — une apenas os corpos. Não é isto amor. Se isto fôsse amor, os bichos também se amariam. Mas não se amam..."[4]

O môço a quem você tem dado confiança, permitindo intimidades que recusaria em presença de pessoas sérias, é talvez um dêsses animalizadores da mulher e do homem, um caricaturista do amor.

Se você, leitora, conhecesse melhor os resultados trágicos das falsificações do amor, saberia ao certo que muitas vêzes: Eu te amo, significa: eu te odeio. Enamorar-se não significa amar. Pode alguém enamorar-se e odiar. Quantas infelizes, hoje desiludidas, ouviram de lábios sorridentes, entre promessas e juras de amor eterno, a expressão: eu te amo. Se pudessem voltar à vida feliz de môça, para elas eternamente perdida, com que prudência se aproximariam dos homens!

Você leva consigo um tesouro. Sua candura de virgem vale mais que a prata e o ouro. Sua pureza é dote natural que lhe possibilita a conquista de um amor que lhe alcance a ventura com que você vive a sonhar. Não esqueça que muitas vêzes o túmulo do amor e da felicidade foi a doce ilusão de que aquela paixão momentânea seria eterna.

b) Amor espiritual (na definição de Lortie, na sua *Filosofia Cristiana*) enquanto natural, é aquela inclinação que procura o amado de modo racional.

4 Pe. Negromonte, *Noivos e Esposos*.

Procurar o amado "de modo racional" é buscá-lo, não para saciar instintos tão-sòmente, mas para realizar com êle uma troca de bens, como no caso de amizade, ou ainda para dar-se totalmente um ao outro, como no matrimônio verdadeiro. É buscar no amado um complemento de si, dar-se a êle para completá-lo, sem egoísmo, sem cálculos mesquinhos. Êste amor pode chegar aos mais belos desprendimentos, levando o amante a buscar apenas o bem do amado, com renúncia de troca, como no caso do amor materno.

Amar é querer bem.

Um grande amor: Foi na revolução de trinta. Susana e Mário estavam noivos. Mário foi para o *front*. Meses depois, voltava. Susana que o esperava pressurosa foi-lhe ao encontro. Do jovem garboso que partira, nada quase restava. Vinha cego de um ôlho, o rosto deformado por um estilhaço de granada, carecia do braço direito e da perna esquerda. Suas primeiras palavras ao ver Susana foram: Desfeito o nosso noivado. Sou apenas uma ruína de homem. Você pode casar com outro.

Susana respondeu: Eu era noiva de um simples homem, hoje sou noiva e serei espôsa de um herói. "O amor emprestou-lhe suas asas, caíram todos os obstáculos."[5]

Mesmo sem ir tão longe, encontramos em tôda parte, no prosaísmo anônimo de vidas ocultas, verdadeiras almas de espôsas e noivas capazes de espantosa dedicação ao amado.

5 Shakespeare, *Hamlet*.

"Amar, define Carnot, é querer não a própria satisfação... nem mesmo o prazer ou satisfação de outrem. É querer o bem do ser que amamos, sem renúncia à reciprocidade. Portanto o verdadeiro amor tende à doação de si. Nesta acepção de amor, eu te amo, significa: quero a tua felicidade, como desejo que queiras a minha; quero unir-me a ti, quero dar-te tudo o que há de bom em mim; dar-me a ti para engrandecer-te, para fazer-te feliz, definitivamente feliz. Quero que possamos juntos transmitir a vida a outros e realizar a nossa missão na família; quero que possamos juntos exercer nossa influência sôbre os que nos cercam e realizar a nossa missão na sociedade."[6]

Aplica-se a êste amor a Palavra do Santo Padre Pio XI: "Um amor fundado, não já sòmente na inclinação dos sentidos, que em breve se desvanece, nem também só nas palavras afetuosas, mas no íntimo afeto da alma, manifestado ainda exteriormente, porque o amor prova-se com obras."[7]

c) Amor cristão. "O êrro básico do gênero humano foi considerar que apenas dois elementos são necessários ao amor: tu e eu, a humanidade e eu. Na verdade, são necessários três elementos: a pessoa, o próximo e Deus; tu, eu e Deus."[8]

No amor sensual há sòmente um objeto amado: o sujeito egoísta que procurando no parceiro a própria satisfação, ama-se apenas a si mesmo. No amor na-

6 *A Serviço do Amor*. Edição Feminina.
7 Encíclica *Casti Conubii*.
8 Fulton Sheen, *Mistério do Amor*.

tural são dois os sêres amados. Duas pessoas se amam, uma é objeto do amor da outra.

Mas o amor tem asas para subir aos céus e firmar-se em Deus, fonte de todo amor. "Deus é o verdadeiro objeto do coração humano."[9]

Eis o amor cristão. É aquêle que tem por objeto o próprio Deus.

Deus pode ser amado diretamente em si mesmo ou indiretamente nas criaturas. Os esposos cristãos amam a Deus através de si mesmos sem deixarem de se amar um ao outro. Um vê no outro uma dádiva do Céu, um meio de realizar sua vocação cristã. No matrimônio cristão o amor se torna tríplice, são três os sêres amados: o espôso ama a espôsa, ela ama o espôso, os dois amam a Deus através de si mesmos. Esta ascensão do amor humano, longe de limitá-lo, vai alargar-lhe os horizontes, solidificá-lo e eternizá-lo. Sofia Carlota dizia ao marido: "Amei-te com a mais terna afeição possível sôbre a terra, pois o meu amor por ser cristão é eterno."

Sòmente o amor cristão, "forte como a morte" resiste impávido a certos embates da desventura. A noiva que via em seu noivo apenas um complemento para sua personalidade, um bom companheiro, será feliz no casamento enquanto êle corresponder à sua expectativa. Quando, porém, o que é tão freqüente, surgem as decepções, o coração esfria, definha e morre o amor. Pelo contrário, a espôsa cristã que ama a

9 Fulton Sheen, *idem*.

Deus no marido, continua a amá-lo na desventura, mesmo sabendo-se traída por êle, ela responde com o poeta: "Quando se ama, há que sacrificar-se o próprio amor."

"Se em meio à adversidade,
Persevera o coração
Sereno, alegre e feliz:
Isto é amor, outro não."[10]

VOCÊS SE AMAM?

Muitas vêzes uma jovem séria, depois de vários encontros com o môço, começa a duvidar se de fato existe amor entre os dois. Outras vêzes ela já está apaixonada por êle, mas duvida se é realmente correspondida. É um momento perigoso, talvez decisivo.

Cuidado! Quando amamos, pensamos e julgamos com o coração e não com a cabeça. Ora, o coração, disse Alencar, é sempre criança, mesmo debaixo da casa dos oitenta anos. Criança não tem juízo. É de Shakespeare êste conselho de ouro: "Não tomes por verdadeiro fogo êsses clarões que dão mais luz que calor. Êles perdem ao mesmo tempo calor e luz, apagam-se tão rápidos como nasceram."[11]

Algumas reflexões muito simples, mas que podem ser nestes casos excelente guia:

a) A convivência de vocês é moralmente boa?

10 Santa Teresa.
11 *Hamlet.*

Você acha que os dois se ajudam mùtuamente na prática da virtude, e se tornam melhores? Reflita neste pensamento de Cervantes: "Onde falta o desejo do melhor não há amor mas apetite sem freio." Se tal namôro está sendo ocasião de pecado; se nos encontros de vocês tem havido palavras ou ações de que se envergonhariam ou de que vocês têm remorsos, cuidado! Amor que não é casto é desatino começado. É luxúria, não é amor. E a "luxúria separada do amor, diz Chesterton, perecerá".

b) Existe entre vocês uma base genuína de concórdia?

O amor se funda numa harmoniosa concordância de duas almas. Concordância que por sua vez requer alguma semelhança; nos gostos, pontos de vista, aspirações, etc. Noutras palavras: o motivo pelo qual vocês gostam de estar juntos é alguma realidade capaz de ligá-los por verdadeira amizade? Se fôr apenas a beleza do rosto, a elegância do porte, ou de maneiras, ou qualquer outro predicado passageiro, podem ser os clarões enganosos de que fala Shakespeare, jamais, porém, verdadeiro amor.

c) Vocês dois são capazes de sacrifício um pelo outro?

Acertou Hobbes quando escreveu: "Amar é sentir os sacrifícios que a eternidade impõe à vida." É que o "amor nasce do sacrifício".

Especialmente, quando você nega a êle alguma exigência indevida, êle sabe renunciar?

É muito claro que estas normas não são absolutas. Nem é possível em pouco tempo a môça descobrir tôdas estas qualidades, nos seus encontros com um rapaz.

São, porém, excelentes avisos. Em matéria de amor, mais que noutro qualquer terreno, é melhor prevenir que curar.

TRIUNFOS DO AMOR

Pelo amor procuramos fora de nós um complemento à nossa pessoa. Podemos buscá-lo num ser igual a nós, numa troca de bens que não atinge o corpo: é a amizade. Por uma entrega mútua, abrangendo espírito e corpo, temos o amor conjugal.

Finalmente, podemos buscá-lo em Deus. Realizamos então a caridade que é o grau mais elevado do amor.

AMOR SUBLIMADO

Não pretendemos dar a esta expressão apenas o sentido estreito que lhe atribui Freud. Sublimar uma tendência é realizá-la, satisfazê-la, dando-lhe um objeto mais elevado. Sublimar o amor, na acepção que aqui damos à palavra, é amar não apenas uma criatura, mas sair das criaturas ao Criador e de lá descer, capaz de amar tôdas as criaturas.

No amor sublimado, uma assimilação amorosa ao Divino AMOR. "Todos os discípulos e espôsas de Cristo abraçaram o estado de virgindade, diz São Boaventura, para se conformarem com Cristo, seu espôso, a quem o mesmo estado torna as virgens semelhantes."

Se os sacerdotes, as religiosas e os religiosos, se todos aquêles que dum modo ou de outro se consagram ao serviço de Deus, observam a castidade perfeita, é afinal porque o Divino Mestre foi virgem até a morte.[12]

"Sponsa Christi"

A virgem que renuncia ao matrimônio para dar-se a Deus na abnegação do Convento pratica um ato de amor muito mais elevado do que aquêle da virgem que se casa. Cresce o objeto do amor que então é Deus, diretamente Deus, com desapêgo da criatura. No matrimônio, mesmo cristão, há uma posse que humanamente falando compensa o despojamento da entrega. Na virgindade, é Deus o único objeto do coração desapegado dos atrativos do sexo. Por isso cresce também em si mesma a doação, pois a integridade virginal firmada pelo voto representa uma entrega pessoal, um despojamento maior que o do matrimônio.

Na prática, marido e filhos exigem mais sacrifícios da casada que o Senhor reclama de suas Espôsas. Mas ninguém afirmaria sèriamente que uma noiva se aproxime das núpcias com o mesmo espírito de doação com que uma noviça se apresenta à profissão religiosa.

Os Santos têm feito os mais entusiásticos encômios às virgens do Senhor. E S. Paulo, um entusiasta do

12 Pio XI, Encíclica *Sacra Virginitas.*

matrimônio (como veremos adiante), coloca a virgindade acima do casamento: "A virgem cuida das coisas que são do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito. Mas a que é casada cuida das coisas que são do mundo (como agradar o marido)".[13] "Aquêle que casa sua filha, faz bem. Quem não a casa faz melhor".[14]

Virgem no século

Com sua autoridade de Vigário de J. Cristo assim se exprime o Santo Padre Pio XII: "Apraz-nos considerar especialmente que o fruto mais suave da virgindade está em as virgens manifestarem, só pela sua existência, a virgindade perfeita da mãe delas, a Igreja, e a santidade da união íntima que têm com Cristo. No rito da consagração das virgens, o Bispo pede a Deus "que haja almas mais elevadas a quem não seduza o atrativo das relações carnais, mas aspirem ao mistério que elas representam, não imitando o que se pratica no matrimônio mas amando o que êle significa." A maior glória das virgens está em serem elas imagens vivas da perfeita integridade que une a Igreja com o seu Espôso Divino; e esta sociedade fundada por Cristo alegra-se o mais possível ao ver que as virgens são o sinal maravilhoso da sua santidade e da sua fecundidade espiritual, como escreve tão bem S. Cipriano: "São flor nascida da Igreja, beleza e

13 Cor. 1ª, VII — 34.
14 Cor. 1ª, VII — 38.

esplendor da graça espiritual, alegria da natureza, obra perfeita e merecedora de tôda a honra e louvor, imagem divina em que se reflete a santidade do Senhor, a mais ilustre porção do rebanho de Cristo. Compraz-se nelas a Igreja e nelas floresce exuberante a sua gloriosa fecundidade; de modo que, quanto mais aumenta o número de virgens, tanto mais cresce a alegria da mãe."

Colocando-se a Virgindade acima do matrimônio, não se considera apenas a vida do claustro. A primazia da virgindade abrange também as môças que, sem se fazerem religiosas, vivem na sociedade, conservando voluntàriamente o seu estado de virgem. Igualmente estas podem sublimar o amor.

Como?

Ser mãe é a grande missão da mulher. A maternidade não exclui nenhuma jovem. A vocação à virgindade, quer no claustro, quer no século, fecha as portas à maternidade física, biológica, mas não destrói na alma feminina a capacidade para a maternidade psicológica, espiritual. Até pelo contrário. A integridade virginal amplia o espírito, dilata o coração.

A maternidade espiritual é, pois, a escada luminosa por onde a virgem sublima o amor. Ela se torna Mãe espiritualmente quando suas ações se exercem no sentido maternal, de abnegação, de entrega ao serviço do próximo no exercício da caridade, nas obras de apos-

tolado, na prática da virtude, na imitação da Rainha das Virgens, Maria Santíssima.[15]

A môça que não casa só tem dois caminhos a escolher: ou imitar a pureza e caridade da Virgem, fazendo-se Mãe de muitos filhos espirituais, ou aniquilar-se esmagada pela virgindade forçada, condenando-se a uma vida inútil, fracassada, infeliz.

Você tem dúvida sôbre sua vocação? Feche êste livro. Não foi escrito para você. Leia *Na Escolha do Futuro* do P.e Geraldo Pires.

Sente-se atraída pela virgindade? Seu livro deve ser *A Virgem Cristã*, escrito por Maria Luiza Chaveut.

Já conhece a Encíclica do Santo Padre Pio XII, sôbre a Sacra Virgindade?

Nesse momentoso documento o Papa eleva às mais sublimes alturas o estado de Virgindade: "A Sagrada Virgindade e a perfeita castidade consagrada ao serviço de Deus contam-se sem dúvida entre os mais preciosos tesoiros deixados como herança à Igreja pelo seu Fundador."

AMOR REALIZADO

Ser Mãe: "Uma simples mulher existe, que pela imensidão de seu amor, tem um pouco de Deus; e pela constância de sua dedicação, tem muito de anjo; que sendo môça pensa como uma anciã, e sendo velha age com as fôrças tôdas da juventude.

15 Confira Plínio Salgado, *A Mulher no Século XX.*

Quando ignorante, melhor que qualquer sábio, desvenda os segredos da vida, e, quando sábia, assume a simplicidade das crianças. Pobre, sabe enriquecer-se com a felicidade dos que ama, e, rica, entretanto se alteia com a bravura dos leões. Viva, não lhe sabemos dar valor porque à sua sombra tôdas as dores se apagam; e morta, tudo o que somos, e tudo o que temos daríamos para vê-la de novo e dela receber um apêrto de seus braços, uma palavra de seus lábios.

Não exijam de mim que diga o nome desta mulher se não quiserem que ensope de lágrimas o papel; porque eu a vi passar pelo meu caminho. MINHA MÃE."[16]

A função primordial da mulher, diz o Santo Padre Pio XII, a sua inclinação mais inata é a maternidade.

Sonhos de Alzira

Adolescente ainda, Alzira sentiu desejo de amar e ser amada. Durante anos, sonhou com o seu príncipe encantado. Numa tarde de domingo encontra-se com Teófilo, jovem congregado mariano, modesto comerciante, em Belo Horizonte.

Amaram-se, noivaram. Durante um ano de noivado fizeram através de boas leituras e sob a direção de um sacerdote, verdadeiro curso de preparação ao

16 Don Ramon Angel, num álbum.

Matrimônio. Aprenderam que sòmente vinculado pelo amor de Deus, pode o amor humano ser eterno; que o amor dos esposos só resiste aos embates da vida, se fôr amparado pelo amor divino. Compreenderam que a missão de cada um dêles era ajudar o outro a realizar sua vocação cristã, sua ascensão do amor finito ao Amor infinito.

Aproximaram-se do Matrimônio com aquêle afeto sublimado, que sobe "ao impulso de suas asas, da terra ao cimo da montanha, para perder-se em Deus".

Em todos os domingos daquele ano de sonhos e esperanças, comungavam, na companhia de uma das irmãs de Teófilo.

Estimulado pela presença de Alzira em sua vida, Teófilo desdobrou seus esforços, ampliou os negócios, tornou-se em breve econômicamente independente.

Casaram-se, faz 19 anos. Começam quase a envelhecer, mas seu amor não envelhece. Amam-se ainda como na lua-de-mel porque sua afeição baseada no espírito banha-se nas renúncias, torna-se mais forte à medida que os corpos enfraquecem.

"O amor baseado só na carne é frágil e corrutível como a própria carne. O amor espiritual participa da incorrutibilidade do espírito!" Só êle merece o elogio do poeta:

"O tempo tudo consome,
Até da pedra o letreiro,
Só não gasta nem consome
O amor que é verdadeiro."

Tiveram oito filhos. O mais velho, congregado mariano, cursa atualmente o terceiro ano científico no Colégio Arnaldo.

Duas mocinhas, brilhantes alunas do Colégio Santa Maria, são membros entusiastas da J.E.C.F. O caçula tem seis anos. É o único membro da família que não comunga todos os domingos. Os outros cinco são estudantes, alegres, aplicados, felizes.

Sempre se adaptando às circunstâncias, é mais ou menos êste o horário da casa de Teófilo:

As badaladas matinais dos Ângelus já encontram quase todos de pé. Até que o último dos filhos saia para o colégio, é grande a luta em casa. Tudo, porém, num ambiente de serenidade sob o contrôle enérgico e bondoso da dona da casa.

Ao meio-dia, todos de volta, sentam-se à mesa presidida pelo pai, mineiro da gema, bondoso, sorridente, falando pouco mas sempre pronto a uma resposta bondosa às perguntas da meninada.

Entre êles, anjo do lar, alma viva de tôdas as alegrias de família D. Alzira a todos atende, como uma espécie de divindade presente em todos e em cada um. "A mulher faz a casa".

Ali se concretiza a palavra do Espírito Santo: "Tua espôsa será a parreira carregada no interior de tua casa. Teus filhos como mudas de oliveiras, estarão ao redor de tua mesa." E seu marido é feliz, pois, "ditoso aquêle que vive com uma mulher de bom senso."[17]

---

17 Ecl. XXVII.

Aos domingos, tôda família vai à Missa das sete, na Igreja paroquial. Ali no sacramento da unidade apertam-se, à medida que os filhos vão crescendo, os elos de amor de todos os membros daquela família ditosa. De volta da Missa os mocinhos vão para o campo de esporte, para a piscina. As meninas ficam em casa ajudando a mãe nos arranjos domésticos. Lá para uma hora serve-se o almôço, após o qual os filhos maiores vão à reunião das Associações a que pertencem, os menores vão à matinê se a cotação moral da fita é boa. À noitinha, os maiores vão à primeira sessão do cinema. Os menores quase sempre ficam em casa com o pai ou a mãe, a não ser que uma festa de família os leve a todos a alguma casa amiga. Em geral às nove horas tôda a família reza o têrço diante dos Corações de Jesus e de Maria. Aquêle lar é uma espécie de paraíso terrestre, um pequeno reino de paz e de ventura. Tôda a família ama, porquanto o primeiro indício de felicidade doméstica é o amor do Lar. E ali reina a felicidade.

D. Alzira é a doce rainha, anjo da guarda de tôdas aquelas almas felizes. Amada pelo espôso, honrada pelos filhos, ela se sente agora plenamente recompensada dos sacrifícios de espôsa e Mãe.

D. Alzira é plenamente feliz. Seus sonhos de amor se realizaram.

Teófilo e Alzira compreendem por feliz experiência que "a vocação para o casamento é uma vocação à felicidade, concretizada através da piedade e da santidade."

Ser Mãe! Eis o sentido profundo dêsse tumultuar de vozes, que regurgitam numa alma de môça.

Você, leitora, sente por vêzes, palpitações misteriosas em presença de um jovem que lhe parece atraente, fascinante!

O mar que, enquanto escrevo, ruge fremente aos beijos frios do vento sul, não é mais impetuoso que o seu coração de môça em certos momentos. Outras vêzes o amor lhe penetra todo o ser feminino com a suavidade das brisas matinais. Porém sua grande finalidade é sempre a mesma: preparar essa criatura divinal que chamamos: Mamãe.

A mulher é tôda, corpo e alma, feita para o dom de si mesma, para o amor. O instinto maternal lhe envolve o ser e transfigura a intensidade misteriosa.

"A maternidade é o mais alto título honorífico da mulher."[18]

---

18 Mantegazza.

RELIGIÃO E AMOR

O Evangelho não veio aniquilar as paixões do coração humano, mas ao invés, dirigi-las, sublimá-las, recambiá-las para a conquista da verdadeira liberdade, da felicidade humana. A revolução do Evangelho foi especialmente profunda e benéfica no que toca ao amor da mulher.

Naqueles séculos medonhos que precederam a vinda de Cristo, a mulher foi sòmente um joguête das paixões do homem.

Mesmo entre os povos de mais requintada civilização como os egípcios e babilônios, gregos e romanos, a mulher não passava de escrava do homem. Na Grécia artista e sábia, os filósofos duvidavam que a mulher tivesse alma.

O Cristianismo reabilitou a mulher. Deu-lhe em relação ao homem os mesmos direitos. Deu-lhe também o direito de amar.

AMOR E MATRIMÔNIO

Jesus Cristo quis pessoalmente participar de uma festa nupcial.

"O Matrimônio foi instituído por Deus no paraíso terrestre, quando abençoou nossos primeiros pais e lhes conferiu a sagrada missão de perpetuarem o gênero humano sôbre a terra, educando seus filhos para a vida presente e para a glória eterna."[19]

Mas o pecado original, transtornando tudo, vulnerou o amor, degradou a união do homem e da mulher, destruiu a sacralidade da família.

Cristo veio reabilitar a humanidade, reformar tudo o que o pecado arruinara. O amor fôra talvez a maior vítima do pecado.

O Salvador o remiu elevando o matrimônio à sublime dignidade de sacramento.

Ao se casarem, os esposos cristãos recebem a graça do sacramento. Esta graça tem duas funções: a) Santifica o amor conjugal, tornando meritórios os atos de si naturais; abençoa os cônjuges, fazendo-os cooperadores de Deus na propagação e santificação da espécie humana; b) Dá fôrças especiais que ajudarão os casados a serem fiéis ao compromisso feito, a suportarem mùtuamente os defeitos, a cumprirem fielmente a grande missão de cooperadores de Deus.

O Matrimônio Sacramento é, pois, a consagração, o amparo, a garantia do amor.

---

19 Ritual Romano.

A SANTA IGREJA E O AMOR CONJUGAL

Estado de Perfeição

Vimos linhas atrás que a virgindade em si mesma é superior ao estado matrimonial. A integridade da virgem, ao mesmo tempo que simboliza a perfeição, facilita a entrega total a Deus. Aquela que é casada, diz o Espírito Santo, cuida de como agradar o espôso. A virgem só se preocupa em como agradar a Deus.

Por isso a Santa Igreja exige a virgindade absoluta para as espôsas do Senhor, as religiosas. Só por concessões especiais certas Congregações recebem viúvas.

Isto, porém, não inclui nenhum menosprêzo ao matrimônio.

Nem tampouco supõe a Santa Igreja que uma mulher pelo fato de ser virgem, no século ou no convento, seja mais santa que outra casada. Será portanto o matrimônio um estado de perfeição?

Sim, responde o Padre Kelley, S. J. Deus não pode contradizer-se. Quando Cristo ordena: Sêde perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste, não exclui ninguém. Todo cristão, em razão do Batismo, está obrigado a desenvolver, na prática das virtudes cristãs, a semente de santidade depositada em sua alma na pia batismal. Noutras palavras: Somos obrigados a viver o nosso Batismo, o que equivale a buscarmos a perfeição.

Ora, se o mesmo Evangelho quer que todos sejam perfeitos e quer também o matrimônio, é muito claro que embora sejam o Episcopado e a vida religiosa Estados de perfeição por excelência, o Matrimônio é também um Estado de Perfeição.[20 e 20a]

Grande é êste Mistério

Falando do matrimônio, S. Paulo disse aos Efésios: "Grande é êste Mistério: digo-o em vista da relação com Cristo e a Igreja." No pensamento paulino a união dos esposos simboliza a união de Cristo com a Igreja. A vocação ao Matrimônio é um convite à colaboração na grande obra de Deus.

As crianças devem nascer, o paraíso deve povoar-se, os assuntos terrestres devem continuar seu curso. Mas é aos casados que Deus entrega a espantosa e sublime tarefa de preparar cidadãos para a pátria e eleitos para o Céu.

Grande é, pois, êste mistério do amor humano.

Urge portanto pensar nêle com seriedade, com responsabilidade.

---

20 Confira Pe. Geraldo Kelley, *Juventude, Sexo e Moral*.

20-a Em Direito Canônico a expressão "estados de perfeição" tem um sentido técnico e se refere sòmente ao episcopado e à vida religiosa. Aqui não empregamos a expressão com êste sentido técnico. O que queremos dizer é que o matrimônio não se opõe àquela perfeição que o Pai do Céu quer para todos os seus filhos.

A Missa Nupcial

Para garantir a felicidade dos esposos e dos filhos, a Santa Igreja cercou o matrimônio de leis protetoras. Leis que salvaguardam o amor contra a tirania dos instintos.

Reservou em sua liturgia uma missa especial para as núpcias.

O Concílio plenário brasileiro exige que o casamento seja celebrado pela manhã, e que recebam os esposos a Bênção solene da Missa Nupcial. Esta missa começa pelas palavras: "O Deus de Israel realize vossa união."

Assistindo à Missa e comungando nela, os nubentes ao mesmo tempo que renovam sua entrega batismal ao Cristo entregam-se um ao outro em Cristo. *"Conjuncti in Christo."*

Uma particularidade digna de nota. A bênção solene da missa nupcial refere-se particularmente à noiva. É como se a Santa Igreja afirmasse que a mulher mais ainda que o homem é beneficiada pelo Sacramento e que ela mais que o homem deve arcar com o pêso do matrimônio que etimològicamente significa Dever de Mãe: "Ó Deus, por quem a mulher se une ao homem, olhai para esta vossa serva que, destinada ao consórcio marital, implora o socorro de vossa proteção. Goze ela os dons do amor e da paz; casta e fiel, celebre o matrimônio em Cristo e imite continuamente as santas mulheres; seja amável para

com seu marido, como Raquel, prudente como Rebeca; longeva e fiel como Sara. O autor da prevaricação não tenha poder algum nela e nos seus atos. Encontre ela na fé e nos mandamentos constante arrimo; unida a seu marido, fuja de todo comércio carnal ilícito. Fortaleça a sua fraqueza com o vigor da disciplina. Seja grave pela sua modéstia, venerável pelo seu pudor, instruída na doutrina do Céu, fecunda na prole, honrada e inocente, e alcance a paz dos bem-aventurados e o gôzo do Reino Celestial."[21]

Bênção do leito nupcial

A união dos esposos numa só carne, sendo querida por Deus, não é apenas permitida, mas querida também pela Igreja.

A Santa Igreja acompanha os jovens esposos ao novo lar. Reserva uma bênção particular para o leito nupcial: "Abençoai, ó Deus, êste leito, a fim de que aquêles que nêle vão deitar-se possam reintegrar-se na vossa paz e perseverar na vossa Vontade, possam envelhecer e multiplicar-se por muitos anos, e alcançar o reino dos céus."

Quando o amor santificado pela graça do matrimônio transforma os esposos em colaboradores de Deus a Igreja vem ao encontro da Mãe cristã, com a bênção da mulher grávida: "Senhor, Deus, Autor do universo, poderoso e temível, justo e misericordioso,

21 Ritual Romano, Bênção Nupcial.

Vós que livrastes a Israel do êrro, tornando os nossos antepassados dignos de Vós e santificando-os pela mão do Espírito Santo, Vós que, com a colaboração do Espírito Santo preparastes o corpo e alma da gloriosa Virgem Maria, a fim de que se tornasse um tabernáculo digno de vosso Filho; Vós que inspirastes a João Batista com o E. Santo e o fizestes exultar no ventre de sua Mãe, aceitai o oferecimento de um coração contrito e a prece ardente de vossa serva (fulana) que humildemente vos implora pela vida do filho que concebeu por vossa Vontade. Protegei-o na hora da provação e defendei-o contra os ataques do inimigo traiçoeiro. Com o auxílio da vossa misericórdia possa o seu filho ver a luz do dia na alegria, e, uma vez renascido pelo Santo Batismo procurar perpètuamente os vossos caminhos e alcançar a vida eterna. Pelo mesmo Jesus Cristo que vive e reina convosco em união com o Espírito Santo, Deus, por tôda a eternidade. Amém."

Bênção após o parto

Após o parto, se a venturosa mãe se apresenta com o filhinho no templo, ainda a Igreja a abençoa através de uma cerimônia que termina por esta prece: "Deus onipotente e Eterno, que pelo parto da Bem-aventurada Virgem Maria, transformastes em alegria as dores daquelas que se tornam Mães, olhai vossa serva que vem dar-vos graça no Templo sagrado e

fazei que, pelos méritos e intercessão da Bem-Aventurada Virgem, mereça após esta vida, chegar com seus filhos às alegrias celestes. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém."

Longe, portanto, de ser contra o amor humano, a Santa Igreja o cerca de todo carinho e amparo. Suas exigências jurídicas em relação ao matrimônio têm por fim não apenas as observâncias das leis divinas, mas também defender a mulher contra a volúpia do homem, e salvaguardar os direitos sagrados do amor.

FRACASSO DO AMOR

O amor é a maior das paixões humanas. Guiado pelas luzes da razão e da fé, êle enobrece, eleva e santifica. Mas quando pôsto a serviço das paixões inferiores, deixa de ser amor, degrada e aniquila a pessoa humana. É o fracasso.

Examinemos de passagem os vários tipos de mulheres fracassadas.

TITIA APERREADA

Há no Norte a seguinte quadrinha:

"A pior das vocações
Pelo demo foi criada
É a tremenda vocação
Da titia aperreada."

Quais são, porém, as titias aperreadas? Tôdas as solteironas? Não, não! Já vimos que muitas mulheres se realizam plenamente como solteiras sublimando o amor, tornando-se Mães espiritualmente dos seus sobrinhos, dos seus alunos, de todos aquêles que são objeto de seus carinhos maternais.

Titias aperreadas são as que ficando solteiras contra vontade, em vez de superar a situação pela virtude, pela dedicação, trancam-se no seu egoísmo, insatisfeitas, inconformadas.

Querem a tôda fôrça parecer jovens. Escondem às vêzes ridìculamente a idade, correm de quando em quando, inquietas, nervosas ao instituto de beleza, pintam-se, maquilam-se, enfeitam-se, etc. etc.

Arrancam furiosas o primeiro cabelo branco encontrado na cabeça.

Não perdem festas nem bailes. Quando algum rapaz, mesmo criançola, lhes dá confiança, atiram-se contra êle semiloucas, furiosas, ridículas.

Outras procuram um derivativo na Religião. Mas aquilo é forçado. Coração egoísta não tem lugar para os sentimentos sublimes do Cristianismo.

Ainda que exteriormente se dediquem à causa de Deus continuam mesquinhas, teimosas, maledicentes, invejosas, ciumentas, irritadiças, autoritárias, rancorosas, perigosas, desedificantes.

IMPÉRIA E D. JOÃO

Conheceram-se num baile de carnaval. Amaram-se.

De princípio Impéria amou D. João com amor ingênuo de donzela inexperiente e pura.

Amou-o depois com amor ardente, louco.

D. João depois de possuí-la desprezou-a. Atirou com ela à vergonha das sarjetas.

O golpe foi medonho. O maior que um coração feminino pode receber neste mundo.

Passados alguns meses, Impéria tentou recuperar-se.

Afinal de contas, ainda era jovem e formosa. No coração ferido ainda lhe ficaram algumas gotas de amor. Derramou-as sôbre outro amante. Novo abandono cortou-lhe em breve tôda a esperança de ser amada e apagou-lhe no coração infeliz as últimas centelhas de amor. Oh! alma enlameada que lutando para libertar-se cada vez mais se afunda![22]

Desilusão...

Não creria mais nos homens. Amá-los? Jamais!

Seu coração, sua alma de mulher tinham morrido para as doçuras do amor. Restava-lhe contudo, a beleza física.

* * *

Dez anos depois.

Ei-la envelhecida, mendiga, enfêrma, à procura do hospital donde sairá breve para o terceiro plano do cemitério.

Ao dobrar de uma rua, a miserável encontrou D. João em cujos lábios pôs um grande poeta esta quadra lúgubre:

22 Shakespeare.

"Ó desgraçada Impéria!
Quem me diria outrora
Que eu tinha de te ver esta miséria,
Em que te encontro agora?"

Num ricto de ódio impotente e imenso, responde Impéria:

"Por ti, D. João, abandonamos tudo!
A flor da primavera, as graças matinais,
As alegrias do amor, doces como veludo,
Partiu-se-nos da fé o cristalino escudo.
Deixamos para sempre os leitos virginais,
Por ti, D. João, abandonamos tudo.

Dos teus olhos febris as doces punhaladas,
Mataram-nos da alma os sonhos cristalinos.
Andamos pelo mundo exaustas, desgrenhadas,
Lançando no abandono, à beira dos caminhos,
Do teu lúbrico amor os frutos pequeninos.

Maldito sejas tu, por tôda a eternidade,
Em nome da justiça, em nome da orfandade.
Em nome da miséria, em nome da inocência,
Em nome de Jesus, do Céu, da Providência
Maldito sejas tu por tôda a eternidade." 23

Mas quem é Impéria? São tôdas as mulheres traídas no seu amor pela volúpia do homem e por sua própria leviandade. Dali por diante, profundamente infelizes, impotentemente revoltadas, desiludidas, aguardando a morte prematura e o eterno esquecimento num túmulo sem cruz, sem nome.

---

23 Guerra Junqueiro, *A Morte de D. João.*

E D. João?

É todo homem capaz de zombar da mulher que excessivamente confia nêle.

É o seu namorado ou o seu noivo que lhe falta com o respeito no cinema, no banco do jardim...

Se você cometeu nesse terreno as primeiras leviandades, é tempo de recuar. Depois talvez seja tarde demais.

MAL CASADAS

O bom casamento é um pôrto contra os temporais da vida. Porém, o mau casamento é uma tempestade no pôrto...

D. Alice Pontes é professôra. Casou-se há doze anos com funcionário público.

Ela se arrependeu. Afirma sempre que tôda mulher se arrepende de ter casado. Para ela o casamento é uma fortaleza de guerra: quem está fora quer entrar e quem está dentro quer sair.

Sua casa é uma antecâmara do inferno. Só tiveram dois filhos, Jairo e Neli. Pobres crianças!

Materialmente falando nada lhes falta. Mas já compreendem bastante a desventura dos pais. Presenciam diàriamente discussões cheias de fel. Reconhecem que são o último laço que ainda traz amarrado o casal infeliz. Já começaram a sofrer. Sua formação está comprometida.

* * *

São numerosas as Dona Alice. Os advogados, os médicos e os Sacerdotes freqüentemente ouvem as queixas tardias das espôsas arrependidas, infelizes. Das que abandonaram o marido; das que foram por êle abandonadas; das que vivem com êle sem amor, prêsas sòmente por motivos econômicos, conveniências sociais ou pelos filhos.

Graças às conquistas da técnica, apesar da crise de habitação das cidades grandes, mais que outrora se consegue hoje confôrto material nos lares.

Mas adianta o bem-estar externo quando por dentro fervem os corações?

* * *

Sempre houve casamentos infelizes.

Inegàvelmente, porém, o mal cresceu em nossos dias tumultuosos. A filosofia burguesa da vida substituiu o amor pelo contato ardente de duas epidermes. O gôzo dos sentidos tornou-se a grande lei da vida. Brutificou-se o amor. O hedonismo, divulgado por mil modos, invadiu todos os setores da atividade humana, privada e social.

Esqueceu-se a idéia de pecado.

Freud reduziu o homem a um poço de libido, a vida humana a uma luta pela consecução do prazer sensual, o amor humano à pura carnalidade.

Ainda não bastava ao delírio sensual dêste século libidinoso. A França nos deu a mais requintada

expressão do sensualismo burguês: o existencialismo. Nada é imoral, desde que dê prazer. Para Sartre só tem valor o fato. Homens e mulheres sendo fim de si mesmos podem buscar o prazer do modo que entenderem.

Mas a sociedade burguesa cobre essa podridão com o manto dourado de um belo eufemismo: modernismo.

E a torrente ululante vai diàriamente acachoando nos inditosos lares preparados e fundados sob a bandeira escarlate do modernismo.

Daí o aumento surpreendente dos maus casamentos, dos dramas conjugais, das tragédias amorosas, dos crimes passionais.

Você, leitora, é jovem, tem na sua fronte o facho da esperança e no coração o fogo do entusiasmo, as labaredas do amor.

Não vá extingui-los na masmorra fria de um mau casamento.

O matrimônio infeliz tem duas portas: a má preparação e a má escolha.

Vamos localizar e examinar estas portas para que, conhecendo-as, você fuja ainda a tempo da corrente letal de um matrimônio frustrado.

MÁ PREPARAÇÃO

Percorramos por miúdo as fontes perigosas, donde nasce para a mulher todo fracasso do amor.

O drama da solteirona inconformada e as tragédias passionais situam-se quase sempre na falsa preparação para o casamento.

Por sua vez, os matrimônios desastrosos dependem geralmente da má preparação e (como depois veremos), da má escolha.

Parece exagêro. Se, porém, se considera que a preparação ao matrimônio deve iniciar-se, quando não mais cedo, pelo menos no momento em que a adolescente começa a experimentar atração pelo outro sexo, então se compreenderá o sentido que damos à palavra preparação ao casamento, e o alcance espantoso do comportamento de muitas mocinhas.

Alguns romances (nem sempre aconselháveis à mocidade) ministram às jovens inexperientes lições formidáveis. Ali por vêzes se pinta muito ao vivo a tragicomédia da burguesia. Semelhante ao Tântalo da fábula, a família aburguesada em vão procura saciar-se nos prazeres fúteis, tornando-se cada vez mais insatisfeita, mais infeliz.

O amor é o grande mutilado na derrocada moral a que assistimos. A mulher, a primeira vítima do sensualismo desenfreado.

Passemos, agora, ao exame pormenorizado de alguns erros femininos conducentes ao fracasso do amor.

ORGULHOSAS

"Mulheres, obedecei a vossos maridos." É o conselho de São Paulo.

É muito fácil obedecer ao noivo. Depois do casamento, finda a lua-de-mel, muda-se o quadro. Aquela meiguice do noivo diminuiu muito. Tornou-se êle exigente. A mulher orgulhosa, altiva, não se conforma com a atitude dêle.

No começo não era nada. Mas o orgulho da mulher não se curvou. Brigaram. Foi a primeira faísca. O incêndio não tardou. Depois a separação. O desquite.

A outros perigos se expõe a môça orgulhosa. Aspira a casar com um rapaz mais altamente colocado que ela. O resultado será sempre desastroso. Mal casada ou solteirona, fracassada sempre.

Mas, como saber se você é orgulhosa? Examine seus pensamentos, seus devaneios, seus atos. Obedece prontamente aos pais? Como trata as domésticas, os empregados, os rapazes de condição mais humilde que a sua? Cede fàcilmente a um parecer oposto ao seu? Quando contrariada, volta logo ao

normal ou permanece horas e até dias melindrada, amuada? Procura ser amiga e indulgente para seus irmãos ou não sabe suportar as grosserias naturais dêles?

A êstes quesitos você pode juntar muitos outros e fazer freqüentes exames de consciência para fugir do orgulho que lhe pode assassinar o coração.

EGOÍSTAS E AMBICIOSAS

São outras infelizes. Só pensam em si mesmas. Nos seus divertimentos, nas suas jóias, nos seus vestidos.

Ninguém espere delas um pouco de dedicação. Nunca lhes sobra tempo para sair de seu narcisismo. O bem da comunidade social não lhes interessa.

Não lhes falte dinheiro para seus caprichos e pouco se importam que o pobre não tenha pão; que as próprias domésticas a seu serviço passem fome. Nada disto cabe no mesquinho âmbito de suas preocupações. Êsse tipo de môça vê o casamento tão-sòmente sob o prisma da ambição.

Uma delas namora simultâneamente dois moços. Queria, naturalmente, um só. Tarcísio é mais educado. Até um pouco idealista. Mais atraente, enfim.

Roberto tem o rosto estragado por espinhas; um semblante marcado pelo vício. Conversas levianas, palestra incomparàvelmente inferior à de Tarcísio.

Mas Roberto traja com mais elegância. Qual dos dois o mais **rico?**

Certa noite parou à porta de Alice deslumbrante Cadillac. Era de Roberto. Comprara-o naquele dia. Vinha convidá-la para o cinema.

Estava decidida a escolha. Alice rompeu no dia seguinte com Tarcísio, na esperança de casar com Roberto. Mas não casou. Coitada!

E quando êsse tipo de mulher se casa, que desgraça irremediável! São inimigas dos sagrados deveres de Mãe e de dona de casa. Se encontram um marido à sua imagem, mergulham os dois no mesmo inferno em vida. Em pouco tempo brigam, separam-se. Pior ainda quando quem cai na armadilha é um homem sério que antevia no **casamento uma** vida de amor e felicidade.

FANTASISTAS

Tôda adolescente normal é sonhadora. É até um direito de sua idade.

Daí a paixão com que se entregam aos romances, às novelas de rádio. São distrações aparentemente inofensivas, mas cujas conseqüências podem ser fatais.

Há vários males nesse jôgo perigoso: 1) Os heróis do romance ou das novelas são imaginários, nunca existiram. Modelos falsos, portanto. 2) A vida que se descreve ali também é geralmente falsa. E mesmo em se tratando de romances da vida real, ainda resta o perigo de focalizarem-se quadros não condizentes com a formação da donzela. 3) Carica-

tura do amor. Chegamos ao principal escolho do romance e da novela.

Nada mais perigoso na formação da mocidade que a mutilação, a falsificação do amor. Ora, a maioria dos romances trucida o amor, reduzindo-o a mero sensualismo, ou a exaltações passionais.

Muitos dêles encerram traições, adultérios, dramas conjugais, desquites, não raro doirados pela fantasia do escritor, de modo a impressionar fortemente, e mesmo, a entusiasmar pelo êrro uma jovem inteligente mas pouco avisada. "Dize-me com quem andas e te direi quem és." Há muita verdade nesse provérbio. Ora, os personagens dos romances e das novelas nem sempre servem de modêlo à juventude. A môça ledora habitual de romance e a ouvinte apaixonada de novelas de rádio correm o risco de viver psicològicamente na companhia de homens e mulheres pouco recomendáveis.

Acresce que nem sempre o autor do romance ou novela tem critério filosófico e moral segura. Donde pode acontecer que o cônjuge infiel seja apresentado aos olhos, aos ouvidos e à inteligência da jovem como herói, ou mártir envolvido num halo de simpatia e até de verdadeiro fascínio.

A novela de rádio oferece mais um perigo. A voz melíflua dos locutores, a tonalidade alambicada inflamam a fantasia feminina, contribuem para situar a môça num mundo imaginário, fictício, desviando-a da preparação para as realidades sérias do amor.

A esta altura você já interrompeu a leitura para replicar: Mas então seremos crianças? Não saberemos distinguir o bem do mal? Não teremos contrôle?

Calma, senhorita. Criança nas coisas do amor podemos ser todos nós, pois nesses domínios quem manda o mais das vêzes é o coração; e êste menino levado jamais cria juízo.

Contrôle, se você de fato o possui, use dêle para regrar suas leituras, seu programa de rádio. Distinguir o bem do mal é muito fácil quando a coisa não nos interessa. Mas se o coração apaixonado, a imaginação incendiada, abrem caminho, os mais experimentados fracassam, tomam por bem o mal. É hoje fora de dúvida que o nosso comportamento, nossa mentalidade, é em boa parte condicionada por imagens ocultas no inconsciente. De lá, do fundo escuro do nosso ser, onde não chega a luz da razão, o farol da consciência, aquelas imagens nos impelem, arrastam, determinam nossos pontos de vista, nossos gostos, nossas alegrias, nossa interpretação da vida.

É assim que cenas e personagens do romance e da novela, completamente esquecidos influem na sua mentalidade, na sua conquista do Príncipe encantado.

E o poder de imitação da adolescência? E a fôrça [illegible] do exemplo?

REVOLTADAS

Muitas môças não se conformam com a condição da mulher: "Somos umas inferiores. Só o homem

tudo pode, só no homem nada pega. Por que nós mulheres não temos os mesmos direitos do homem?"

Reflita mais, menina! Conhece a história dos membros que se revoltam contra o estômago?

Certa vez, nos diz Menêmio Agripa, os membros do corpo começaram a considerar: Nós trabalhamos, cansamo-nos à busca dos alimentos, enquanto o estômago vive à nossa custa, ocioso, inerte. Fizeram greve. Por três dias não deram nada ao estômago. No fim do terceiro dia estavam os membros desfalecidos. Compreenderam: eram todos, estômago e membros, órgãos do mesmo corpo. Cada qual, porém, com função diversa.

Fato análogo se passa em relação aos direitos do homem e da mulher.

Vocês não são inferiores a nós homens. Nem em si mesmas, nem perante a lei no Direito ocidental moderno. Se a sociedade paganizada afirma que o homem, em relação ao outro sexo, tem mais direitos que a mulher, é tão-sòmente para encobrir as fraquezas do sexo forte. A sã filosofia, porém, combateu sempre semelhante monstruosidade.

Mas homem é homem e mulher é mulher. Cada qual com os mesmos direitos mas gozando-os de maneira diversa. O homem nasceu para ser o chefe da família, o dirigente das emprêsas. Cooperadora da Providência, complemento do homem, a mulher é a graça, a beleza, a espiritualizadora da família, o coração dos lares, o amor personificado.

Se o homem é um mundo abreviado, disse um poeta, a mulher é o céu dêste mundo. Nos metais grosseiros é menos chocante a mancha da ferrugem. A jóia mareada perde o valor. O homem é ferro, a mulher é jóia preciosa e cobiçada. O homem sabe disto.

Negando-se à mulher certas pseudo-regalias, tem-se apenas em vista preservar-lhe o valor.

Afinal de contas vocês são muito poderosas. Alencar não errou quando escreveu na sua *Guerra dos Mascates:* "Há quem pense que nada se move neste mundo sem licença da mulher. Do mais não sei, mas de guerra posso afirmar que nunca as houve, nem é possível haver quando não o queira a soberana saia."

O mal entrou no mundo pela porta de uma mulher. Mas para consôlo de vocês, foi pela mulher que entrou na terra a salvação.

Nada, pois, de pessimismos. Vocês valem tanto quanto o homem, podem tanto quanto êle. Mas cada qual no seu terreno.

A PROCURA DE UM NOIVO

Não há exagêro em resumir as grandes causas dos disparates, das loucuras, mesmo das desgraças de muitas môças nessas duas:

a) Procura de um noivo.

b) Mêdo de perdê-lo, se encontrado.

Môça que namora, quer casar, diz o adágio.

É até um direito da môça, que sente vocação para o casamento, tomar medidas conducentes à descoberta do noivo. Não há mal nisto. O mal está no caminho errado e perigoso que **muitas seguem** procurando um noivo. Terminam por não achá-lo jamais.

Perlustremos êsse caminho, suas encruzilhadas, seus precipícios.

SÊDE DE AGRADAR

Quando a meninota começa a trocar os brinquedos pelos adornos é sinal que Cupido já acordou. Quer parecer sedutora aos olhos dos moços. Começa a sentir vergonha dêles, fica vermelha a certas alusões que pouco antes lhe **eram indiferentes.**

Em breve sentir-se-á dominada pelo desejo de agradar, de conquistar os rapazes. Nada de mal nisto. É sòmente um aviso da natureza.

Muito diversas as reações das môças a êsse desejo natural.

RECLAMOS MODERNOS

Há tempos conhecida revista brasileira publicava interessante série de retratos de trajo de banho de 1850 a nossos dias.

A involução das roupas de banho é impressionante. Entretanto, ùltimamente, o "nudismo" das praias e piscinas vai se tornando tão comum que parece em vias de plena aceitação.

Já não causa aquêle espanto de alguns anos atrás. É mesmo possível (e os casos multiplicam-se) môças e rapazes bem formados freqüentarem as mais ruidosas praias sem prejuízo moral, mòrmente se os rapazes são habituados àquilo e as môças se comportam decentemente.

Um vestido indecente na rua, na Igreja ou numa festa, pode causar mais pecados que o maiô na praia ou um short em lugares de veraneio.

Claro que pode e deve haver mesmo na praia certo recato que a môça ajuizada sabe guardar e o rapaz honesto apreciar. Como também há muita atitude feminina que escandaliza os rapazes e lhes diminui a verdadeira estima que a môça honesta lhes inspira.

Brilhante aluno de uma Escola Militar escrevendo a um irmão mais velho se exprimiu assim: Visitei ontem a Praia de Copacabana, onde multidões de môças despudoradas expõem suas carnes na espe-

rança de com semelhante reclame conseguirem uma união que certamente será efêmera." É pena que as môças ignorem os sentimentos de muitos jovens neste particular!

Não é só nas praias essa exposição provocante de corpos. Mas nos gramados das piscinas, no *footing* noturno, nas festas familiares, nos teatros, nas *boîtes*, nos clubes, até nas igrejas.[24]

Tais môças desconhecem a psicologia do homem. O rapaz bem intencionado não se fascina com corpos impudicos, vistos por todo mundo. Embora seja psicològicamente certo que no princípio o corpo possa servir de caminho para o encontro das almas, a verdade é que a exposição lúbrica do corpo feminino não desperta no môço verdadeiro amor capaz de se concretizar num matrimônio ditoso.

Em geral o nudismo feminino repele o amor e provoca o sensualismo. Pobres loucas! Servem de pasto à sensualidade baixa dos homens, ofendem a moral, semeiam por tôda parte a morte do espírito, para mais tarde se aniquilarem nas "bombas" do amor fracassado.

CORPOS SEM ALMA

Já foi superada a idéia de que o esporte não convinha à mulher. Hoje as verdadeiras educadoras católicas o promovem entre as alunas. Recentemente colégios de Irmãs aderiram à olimpíada dos estudantes secundários.

Pela sua própria psicologia a mocinha tende ao exagêro. Neste caso, esquece que nem todo o exercício que os moços praticam convém às môças.

Demos a palavra à maior autoridade brasileira no assunto:

"Prega-se ainda, infelizmente, a perigosa teoria da igualdade dos sexos. Nada mais falso. É por ela que as mocinhas se atiram a tudo o que fazem os rapazes como se os direitos fôssem iguais, como se os organismos fôssem idênticos. Claro que não falamos do ponto de vista moral. Neste são perfeitamente os mesmos os direitos. O que pode fazer um rapaz, também o pode a môça; e se esta não puder é que também aquêle não pode. Em face da lei moral são inteiramente iguais. O mesmo não se dá fisiològicamente. Já vimos que há uma diferença tão profunda entre homem e mulher que atinge a todo o organismo, a cada célula.

Cada um tem de se tratar de acôrdo com a própria natureza, sem reformá-la. Dissemos acima, que cada aluna ou funcionária precisa, em rigor, de 4 a 5 dias de férias todos os meses. Ninguém irá dizer a mesma cousa dos homens, porque o seu organismo é diferente. Em face da fisiologia não é apenas ridículo querer equiparar os sexos, é perigosíssimo. Precisamos convencer disto as nossas meninas e môças. São as pretensões insensatas neste particular que difi-

---

24 Teve repercussão nacional a Circular do diretor da Divisão de E. Física do Rio, proibindo os trajes indecentes nas paradas cívicas, em face do escândalo das estudantes na parada de 7-9-953.

cultam funções características da mulher. E se queixam depois!

Sendo a mulher menos resistente que o homem, os seus exercícios tomarão isto em consideração. Os excessos fazem não apenas mal à saúde, mas também à beleza feminina. A mulher com formas de atleta é detestável. O esporte feminino não irá até o atletismo, mas ficará nos intuitos do desenvolvimento harmônico do corpo, da higiene, e da estética."[25]

O que a pedagogia católica afirma sôbre a coeducação, aplica-se perfeitamente ao caso presente: O esporte só serve à formação da môça enquanto visa ajudá-la a ser mulher. A môça masculinizada é tão repugnante ao rapaz como o rapaz efeminado à môça.

O que o môço deseja ver em vocês é um complemento físico e psicológico à personalidade dêle. Quanto mais brilharem na jovem as características femininas, tanto mais fascínio ela exercerá sôbre o rapaz. A masculinização tem efeito contrário ao objetivo de tais môças. Em lugar de agradar, repele os jovens bem intencionados.

Termino repetindo a palavra do grande luminar da pedagogia brasileira: "A mulher com formas de atleta é detestável."

BAILARINAS

Atingimos um ponto crucial do problema da môça. A juventude delira com a dança. Já ouvi jo-

25 Pe. Álvaro Negromonte, *A Educação Sexual*.

vens da Ação Católica julgarem absurda a condenação indiscriminada do baile. Por outro lado, a moral manda distinguir-se entre a dança desonesta condenável em si mesma e considera lícita a dança honesta.

Ferreres afirma que não se deve condenar a dança honesta. A dificuldade prática está em se saber, de caso para caso, qual é a dança honesta.

Rachel de Queiroz que não fala em nome da moral católica, escrevia há tempos, que 80% do conteúdo psicológico da dança é de caráter sexual.

De novo com a palavra o P.e Negromonte: "É nos bailes que naufragam muitos jovens de ambos os sexos. Até se arruínam ou preparam a ruína que não tardará. Neguem os que tiverem interêsse em negá-lo: esta é a verdade. Não nos venham dizer que São Tomás de Aquino reputa os bailes indiferentes, podendo, portanto tornar-se até bons, segundo as intenções, nem que São Francisco de Sales autoriza as danças, desde que não sejam más. Creio-me bem informado das doutrinas da Igreja. Duvido entretanto que os Santos Doutôres pudessem autorizar os bailes modernos, em concreto, tais quais realmente são. Os trajes femininos, a música, o ambiente, as conversas e... as intenções fazem dos bailes verdadeiros sorvedouros das almas e da dança, "verdadeiros atos de prostituição", na frase um tanto forte de Laurent.

Não quero citar Santos Padres. Cito homens do mundo. Vitor Margeretto, que deve ser muito conhecido: "A dança desmoralizadora, o tango, o foxtrote,

eis ao que parece, a preocupação das môças modernas. Êste sonho na realidade não passa de um precoce desvirginamento". Maurois, num dos seus livros,[26] chama as danças: "Um artifício da conservação da espécie." Isto diz muito a quem souber entender... Os que quiserem saber até onde pode chegar a destruição moral dos bailes, leiam o que diz Jeanel num escrito objetivo do ponto de vista histórico-moral, sôbre a maior degradação dos homens e das mulheres.[27]

"As excitações ali vão além do que conseguem as leituras, as conversas e os cinemas. Não impressionam apenas a imaginação, não criam sòmente fantasmas, mas atingem diretamente os sentidos com provocações da sensualidade."[28]

Inditosas môças! Inquietas, pressurosas em busca de um noivo, vão procurá-lo exatamente onde não o encontram. Nos bailes, na fábrica espantosa de fracassadas no amor.

O môço bem intencionado, em geral não casa com dançadeira. Rui Barbosa dizia que uma môça depois de dançar uma noite com um rapaz, no dia seguinte só era digna de casar com êle.

Claro que tudo isto não pode ser rigorosamente tomado ao pé da letra. O ambiente, a formação do rapaz com quem você dança, a sua firmeza de mulher, seu recato de môça podem tornar o baile moderadamente freqüentado, para você, dança honesta.

---

26 *L'Art de Vivre.*
27 J. Jeanel, *La Prostitution.*
28 Pe. Negromonte, *op. cit.*

Eis por que não se poderia de modo absoluto condenar indistintamente a freqüência moderada e modesta de uma jovem moderna aos bailes atuais apesar dos inegáveis perigos que êles oferecem à juventude.

Seu caso pessoal, estude-o com o confessor ou o diretor de sua consciência.

MERCADORIA DE VITRINA

Pitágoras, há vinte e cinco séculos, aconselhava às môças usarem de tal modo os seus encantos que sempre ficasse alguma cousa por descobrir.

Ainda conservam aquelas palavras a mesma fôrça. O jovem moderno, como o antigo, gosta de ir descobrindo pouco a pouco as graças femininas da amada. Quando determinada môça, por sua falta de recato, dá-lhe a impressão de coisa corriqueira, êle sofre uma espécie de desilusão, entedia-se, afasta-se.

A vida moderna abriu à mulher as portas da casa. Outrora os principais divertimentos eram os saraus familiares. Hoje o cinema, a piscina, a praia, a *boîte*, o clube, o *footing*, arrastam as jovens para o meio dos homens.[29]

Muitas descambam no exagêro. O lar doméstico, o principal reino da mulher, não lhes oferece encanto. Querem mostrar-se constantemente aos homens na esperança de descobrirem o seu.

---

29 Oportunamente falaremos na competição das mulheres com os homens no trabalho.

Coitadas! Não sabem que a atração da môça sôbre o homem diminui à medida em que ela se oferece mostrando-se "fácil".

O FLÊRTE

Êsse barbarismo pode significar uma procura, um encontro de olhares que ajuda a verificar se existe atração especial de um rapaz por uma môça. Nada de mal, contanto que se faça com prudência, modéstia e moderação.

Flêrte significa também namorico. Galanteios a torto e a direito, ora com um ora com outro, espécie de brinquedo arriscado.

É certamente a êsse tipo de galanteio que se refere Lamair: "Amarrotando a estima mútua, como as pétalas aveludadas da rosa se amarrotam a um contacto indelicado, o flêrte contemporâneo, caricatura irrisória do verdadeiro amor, despoja do brilho do respeito a afeição do homem pela mulher...

.... O flêrte americano desenvolve no homem uma predisposição para estimar menos e então a amar menos aquela que será a companheira de sua vida."

Sôbre os perigos do flêrte na adolescência, escreve o P.e Negromonte em seu imenso livro *A Educação Sexual*: "Enganam-se os que reputam êsses flêrtes inofensivos, como os que os têm na conta de inevitáveis nesta idade. Precisamente por serem nessa idade e por serem flêrtes são interditos e perigosos."

Para as mocinhas o flêrte é perigoso. Para as môças é perigoso e ridículo.

Uma dessas maripôsas viajava de ônibus, viu um passageiro jovem, flertou-o e entabulou animada conversa. Os demais passageiros gozavam aquela comédia. Moravam em bairros diferentes, na mesma cidade.

Ao se separarem, êle deixou-lhe o enderêço. Na mesma tarde ela foi sòzinha a casa dêle. Ali chegando, êle, que já prevenira a espôsa, escondeu-se. A mulher recebeu a leviana que a tomara por irmã do "brotinho". E só depois de troçar bastante de semelhante estultice, declarou-se casada com êle.

O flêrte, com homens casados, tem levado aos pântanos da luxúria e da perdição milhares de môças imprudentes. E com solteiros também. Muitas gostam mesmo de variar. Gabam-se de conquistadoras, namorando dois ou três moços ao mesmo tempo.

Irão chorar lágrimas inúteis mais tarde.

SER BELA

É grande sonho de tôda môça. Suspirando por ser amada, a môça julga que a beleza física é condição para o triunfo no amor.

Homem de experiência, afirma Afrânio Peixoto que quase sempre as feias são as mais amáveis, pois as feias, diz êle, sabem mais amar e isto é sempre a melhor condição para ser amada.[30]

Entretanto não há mal em procurar a môça casadoira ter boa aparência. O êrro está sempre nos

30 Castro Alves — *O Poeta e o Poema.*

excessos, nos meios inadequados, na ânsia doentia de parecer bonita à custa de artifícios, de indecôro, nas modas.

A pintura discreta, mormente para as pálidas é, mesmo no conceito de muitos jovens, necessária. Excessiva, é ridículo. Num inquérito entre rapazes 80% detestaram os supercílios rapados. A seminudez do trajo diverte a lubricidade masculina, mas não seduz o môço que ande à procura da futura espôsa.

Não se enganem as mocinhas: a sedução, o fascínio de vocês está num conjunto de fatôres físicos, psíquicos e espirituais que podem existir sem grande beleza física. Por outro lado, pode a môça bonita ser destituída de atrativos reais para os rapazes.

Noutro lugar, veremos que a verdadeira beleza feminina está na Virtude. Em todo caso, a mulher que levar ao casamento como principal dote a beleza, em breve será detestada.

O PÁSSARO NO ALÇAPÃO

Sob o calão de um título vulgar: *Agarre Seu Homem*, divulgou-se há anos entre nós um livro para mulheres. Teve saída surpreendente. É natural que a mulher procure conservar em seu poder o homem a quem ama. A mulher casada deve preocupar-se em manter, intensificar o amor do marido. Claro, porém, tomando os verdadeiros meios.

Falando, porém, a môças, só nos ocuparemos dessa tendência feminina, em relação ao namorado e ao noivo.

Através de palestras, em congressos, inquéritos, confidências epistolares e orais, tenho ouvido sob êste particular muitos jovens de quase todo o Brasil:

Moços das nossas principais capitais, de cidades grandes e pequenas, dos lugarejos do interior de vários Estados.

A maioria dêsses jovens afirma que as môças provocam intimidades torpes, contatos indecorosos. Êles se queixam de que se quiserem manter-se nos limites da decência, a namorada os despreza e vai zombar dêles com outros.

Bem sei que não raro estas declarações dêles são meras justificativas. Mas as tenho ouvido muito de

jovens sérios, que sucumbem entre os braços da mocinha elegante.

Ontem mesmo um rapazinho sério declarou que foi coagido a cortar relações com uma jovem bonita e rica, pelo constante perigo daqueles encontros levianos.

Para muitas leitoras êste assunto é velharia corriqueira. Elas estão plenamente convencidas que êste é o grande meio de laçar o rapaz e conquistar um noivo.

Algumas lerão isto durante o dia e à noite vão se entregar à lubricidade do namorado. Tanto pior para elas.

E não são apenas môças criadas em ambientes amorais, não!

Filhas de famílias católicas, ex-alunas (e alunas também) de "colégios de Freira", cometem semelhantes atentados contra a própria honra, a própria felicidade. Não lhes faria mal meditar estas palavras de Mauriac: "O amor fortifica-se nos obstáculos que se opõem ao desejo. Mas quantos rapazes há que nem mesmo têm a oportunidade de desejar ou sentir sua sêde! Habituam-se a desprezar aquilo que encontram no chão, apenas ao se abaixarem."[31]

PSICOLOGIA DOS SEXOS

Como explicar que môças suspirosas pelo casamento se tornem as assassinas do próprio coração!

---

31 *Apud* Desmarais, *O Amor na Era Atômica.*

Não é um contra-senso naufragarem na procura de um casamento exatamente aquelas que tanto se preocupam com êle?

A estas se aplica o que Sêneca dizia a respeito da felicidade:

"Com quanto maior afã correm atrás do "seu noivo" mais se distanciam dêle. É que erraram o caminho, seguem no sentido inverso."[32]

Ricardo de S. Vítor colocava a ignorância como o primeiro dos males que afligem a humanidade.[33]

Penso que a ignorância da psicologia do sexo masculino é a causa principal dessa escandalosa impudência de muita môça.

Instinto Sexual

A môça o experimenta mas lhe desconhece a natureza. Antes, pois, de entrarmos pormenorizadamente nos perigos a que elas se expõem, urgem ligeiras considerações sôbre êsse poderoso móvel do atrativo entre os sexos.

O instinto sexual compreende três tendências diversas: tendência física, desejo de executar o ato genésico; tendência da alma, ou seja desejo de ser amado pela pessoa amada; e finalmente o desejo de ser pai ou mãe.

32 Sêneca, *Da Brevidade da Vida.*
33 *Tratado das Excursões.*

Deixemos de lado a tendência a reproduzir-se nos filhos. Ao nosso estudo só as outras duas importam.

A Môça: Na môça principalmente enquanto pura, predomina a tendência da alma. São os afetos. "Tôda vida de mulher, disse Irvins, é a história dos seus afetos". Há mesmo ainda em nossos dias casos de môças atravessarem o noivado e chegarem ao casamento ignorando as realidades do sexo.

O Rapaz: Muito diversas as manifestações dêsse instinto no rapaz. Nêle predomina a tendência física, o desejo de posse.

Não o satisfazem as carícias da namorada. Impulsos formidáveis de sua natureza, do seu próprio organismo, o impelem à satisfação completa. Mesmo rapazes de boas intenções experimentam perante certas intimidades inocentes para a môça, clamorosa investida de fôrças instintivas.

O resultado, o mais das vêzes imediato de simples "pegar na mão", costuma ser tal, que não se pode mencionar num livro escrito para môças. O delegado, o médico, o Sacerdote já ouviram dêles após alguns desastres, começados por um "pegar na mão": "Eu não pretendia ir tão longe". Mas foi.

E que dizer das liberdades, quando sabemos que a maioria dos rapazes são mal-intencionados?

Muitas môças ao lerem isto encolhem os ombros, dão um muxôxo. Não crêem ou não temem. Mas os milhões de vítimas do sensualismo, essas infelizes a quem as "intimidades" desgraçaram, essas crêem.

Concluamos êste parágrafo com a mais terrível das oposições psicológicas entre o rapaz e a môça: "A mulher, depois de fìsicamente possuída, ama loucamente o homem que a possuiu. No homem costuma dar-se inteiramente o contrário. A atração diminui, costuma até desaparecer depois da posse."[34]

D. João lamenta-se angustiado ante as recusas da amante esquiva:

"Eu a adoro, talvez por não ter sido minha,
Porque ainda não provei com doido desejo
O calor de seus lábios e o gôsto de seu beijo!" [35]

Você, leitora, já pensou que, após o desastre, no qual a môça perde para sempre a virgindade, o rapaz vai procurar uma noiva pura, enquanto a pobrezinha fica a definhar e aniquilar-se na solidão desiludida?

"Esperança, ventura, liberdade,
Entregou-lhe em vão... não se fartou.
Êle quis mais... Fatal voracidade!
Nos dentes, meu amor despedaçou,
Ai triste que sou vencida,
Que vale ter coração?!" [36]

MODERNISMO E AMERICANISMO

Não é a capa esburacada com que muitas môças pretendem ocultar seus descalabros. Na linguagem

34 Confira Dr. Hortênsio de Medeiros, *Psicologia dos Sexos.*

35 Menotti Del Picchia, *Angústia de D. João.*

36 Castro Alves.

vulgar e atual, modernismo significa repúdio à tradição, rompimento com as formas do passado, desprêzo sistemático das convenções familiares, do recato feminino. Ser môça moderna significa fazer o que entende, não obedecer aos pais, andar sòzinha, ser livre de qualquer freio social ou familiar.

De par com o modernismo, diverso na origem mas idêntico na criação de uma mentalidade fútil e perigosa, o americanismo.

Neste parágrafo analisaremos atitudes do namôro decorrentes da mentalidade burguesa, parto monstruoso do comércio do modernismo com o americanismo. Impõem-se antes, porém, ligeiras considerações sôbre o americanismo.[37]

Terão fundamento as justificativas baseadas no *slogan*: Americanismo?

Amoroso Lima nos manda distinguir entre americanismo e ianquismo. O verdadeiro americanismo consiste numa espécie de juventude perene: "O Americano é naturalmente jovem tôda a vida."[38]

É um espírito jovial, otimista, lutador. O ianquismo, embora não rejeitando essas qualidades boas, pràticamente as destrói. Para êle só vale o fato, o êxito, o sucesso. Mas tudo a serviço dos instintos.

E não é precisamente isto o que nos vem da América do Norte, no cinema erotizado, na literatura de quadrinho, nos super-homens das historietas?

37 Dizendo a mentalidade burguesa filha do modernismo e americanismo ficamos apenas no terreno do namôro. Nada afirmamos sôbre as origens da mentalidade burguesa em geral.

38 *Meditação sôbre o Mundo Moderno*, pág. 191.

O que entre nós se batiza com o nome sonoro de americanismo é nada mais que ianquismo a propósito do qual nos diz Amoroso Lima: "Não fechemos os olhos ao veneno que de lá nos vem."[39]

Já no seu tempo Humberto de Campos lamentava a influência dissolvente do ianquismo numa sociedade "adolescente como a nossa."[40]

Há, porém, nisto um aspecto perigoso que ainda não vi tratado em nenhum livro para môças. Milhões de galãs ianques são orientados, dirigidos por homens como o famoso Dr. Cludwell.

Dr. Cludwell e seus partidários consideram o que êles chamam "tabu da virgindade" preconceito ultrapassado. É assim que o ianquista fàcilmente se casa com a môça profanada.

Não acontece o mesmo com rapaz brasileiro. Êle "adora" a môça americanizada, para se divertir com ela. Mas só quer para espôsa uma virgem.

E quando casa enganado, devolve ao pai a indigna.

Será que as *girls* brasileiras de *short* e *cigarrete* já pensaram nisto?

MAS EU GOSTO DÊLE

O namôro constitui melindroso capítulo do livro escrito para jovens. É necessário àquelas que aspiram ao Matrimônio.

39 *Op. cit.*, pág. 217.

40 Humberto de Campos, *Vultos e Fatos*.

Por outro lado, é também perigoso, tem sido a perdição de muita môça.

Já aludimos aos perigos do namôro ao tratarmos do flêrte. Êste entretanto diz respeito pròpriamente à procura de um namorado, enquanto o namôro supõe a existência dêle.

O namorado faz parte integrante da vida afetiva da môça. Não precisa dizer-se que o namôro pertence à preparação do casamento. Tôda jovem sabe disto. O que urge é abrir os olhos da inexperiência feminina para os escolhos do namôro.

"O namôro é já, a seu modo, uma missão de Deus aos dois que conversam. Missão de ambos, mas muito especialmente da môça; obrigação de fazer o bem àqueles com quem conversa. Não é obrigada a acertar de uma vez por tôdas com determinado namorado. Podemos passar sucessivamente por vários rapazes e acertar no fim ou não acertar nunca. Mas todos levarão uma marca de nós mesmas, alguma coisa do que tivermos sido para com êles nesta ajuda de compreensão das coisas que sempre ocorrem na troca de idéias. Responsabilidade enorme a nossa de mulher que influi sensìvelmente na alma masculina."[41]

E O BEIJO?

Quem orienta a juventude topa freqüentemente com a pergunta: é pecado beijar?

41 Maria da Conceição Assunção, *A Môça diante do Próximo.*

Escrevemos para môças inteligentes. É mister dar-lhes compreensão real do sentido do beijo.

O beijo é grande sinal externo de amor. Manifestação corporal de entrega mútua de duas almas, sôpro de vida, sinal de adesão incondicional de uma pessoa à outra. Exige o beijo que duas almas se compreendam, que tenham uma em relação à outra os mesmos sentimentos, as mesmas intenções de se unirem indissolùvelmente.

Será fácil à môça averiguar esta igualdade de sentimentos entre ela e o namorado?

Não, senhorita. Se você não se quer comprometer, guarde seus beijos para seu espôso.

Quanto a ser pecado ou não, isto depende muito da natureza do beijo, do grau de atração sexual que existe entre os dois.

Tenho feito numerosos inquéritos entre rapazes. Todos afirmam terem pecado gravemente com êsses beijos.

Os bonitões são um perigo. Alguns têm maldade incrível. Só procuram as môças para explorá-las e depois abandoná-las.

A êles particularmente se aplica o pensamento de La Bruyère: "Fingem pela mulher uma paixão que estão longe de sentir!"[42]

42 *Caractères des femmes.*

A última paixão do poeta foi Agnese Trinci, uma jovem pianista italiana.

"Nenhuma mulher, diz Afrânio Peixoto, poderia ter resistido a tanto talento, a êsse gênio sobrenatural, afora a sua beleza física."

Agnese, depois de velha, declarou numa carta: "Eu o confesso, também o amei e de um infinito amor. Mas castigando o meu pobre coração disse-lhe: Cala-te, esconde êsse teu sentir, aniquila-te, despedaça-te... E assim foi que mandei e obedeceu. Mas só Deus sabe o quanto sofreu."

Castro Alves insistia em que ela lhe desse ao menos um beijo. Agnese recusava sempre. Debalde êle acusou-a de fria, de bronze, gêsso, mármore florentino. Em vão lhe suplicava ao entregar-lhe poesias apaixonadas dedicadas a ela em versos lisonjeiros:

"Ela? Bela a fazer a terra inteira louca,
Alma feita de um astro e corpo de jasmim."

Mas êsse amor se manteve respeitoso e puro até o fim. Outra mais leviana ou mais frágil teria cedido. Agnese resistiu. Hoje a posteridade a exalta.

Se houvesse fraquejado, seu nome apesar de envolvido pela glória do poeta, ficaria na história enlameado como o da repugnante Eugênia Câmara, a quem certamente devemos a morte prematura do nosso maior gênio literário.

Champlon dizia que a mulher tem uma célula de menos no cérebro e uma fibra a mais no coração.

Inegàvelmente a môça apaixona-se mais fàcilmente que o rapaz. E a paixão é cega!

Um grande analista da alma humana escreveu: "O amor porque é cego impede os amantes de verem as divertidas loucuras que cometem!"[43] A cegueira do amor é uma causa das ciladas fatais em que sucumbem tantas jovens.

a) *Sair, só, com êle*

No seu interessante livro *O Amor na Era Atômica* o P.e Desmarais conta o caso de Sansãozinho e Eglandina. Saíram juntos de carro. Quando voltaram Eglandina estava perdida. E eram primos.

Muitas chegam de fato a tolices divertidas. Num ônibus viajava um rapaz com duas môças. Dirigiam-se à pracinha onde a mocidade local faz o *footing* noturno.

Em tom a ser ouvida por muitos passageiros, uma daquelas môças se queixava ao rapaz de jamais ter ficado sòzinho com ela. Êle costumava levar aos divertimentos uma irmã sua ou alguma amiga da namorada por medida de prudência. Que triste idéia formaram os ouvintes daquela maluca.

Instintivamente o homem sente que, como dizia Cervantes, muita desenvoltura é sinal de pouco amor.[44]

43 Shakespeare, *O Mercador de Veneza.*
44 *D. Quixote.*

Hoje o automóvel exerce poderoso fascínio. O namorado só, num Cadillac, torna-se mais insinuante. É de supor-se que uma senhorita de classe não saia sòzinha com um rapaz no carro. Mas sai... Muitas têm voltado bem arrependidas.

b) *Caprichos masculinos*

"O homem aspira sempre a ser o primeiro amor de uma mulher. Tal é sua estranha vaidade."

Há muita verdade neste pensamento. Muitos rapazes chegam ao cúmulo de dizer que estão criando a pequena para depois casarem com ela. É um modo jocoso de afirmar que preferem uma noiva que nunca namorou outro.

Naturalmente as môças não gostam de ouvir isto. Paciência!

Vocês não podem mudar a psicologia dos homens. Mas podem ter mais juízo. Muitas se ufanam do número elevado de namorados que tiveram. Acham que semelhante aventura é prova de personalidade, poder de sedução. Com semelhante ingenuidade só conseguem afastar de si o jovem de boas intenções.

c) *Caminho errado e escorregadio*

Já vimos acima que muitas môças tentam os rapazes. Às vêzes o rapaz toma a dianteira. De início a môça não quer aquilo. Êle insiste. Diz que se ela recusa, não o ama. Promete até casamento. Ela termina cedendo, ansiosa, trêmula. Está rompida a fortaleza do pudor. Dali por diante o sedutor fará dela o que quiser.

Mas estão sós, ninguém vê. Coitadinha! Aquilo será divulgado nas rodas de homens à mesa dos bares, no bufete dos clubes, ou da *boite*.

Fizemos paciente inquérito entre rapazes de classe média e mais elevada, do interior e da capital. Cento por cento dêles afirma que não casará com môça que tenha tido tais intimidades com outros. O argumento: "Se você me amasse não recusava" é sempre mentiroso. Êle parte de duas sortes de moços: dos mal-intencionados, corrutores das namoradas e dos que andam à procura da futura espôsa.

No primeiro caso, ou seja dos que se aproximam da môça com intenções indecorosas, uma resposta decisiva, pronta e enérgica, logo à primeira tentativa, basta para afastá-los.

Tratando-se do rapaz honesto que pretendia experimentar a seriedade da jovem, uma réplica imediata e altiva, longe de desgostá-lo, só serve para aumentar-lhe a estima, a atração, o amor.

Em qualquer hipótese a môça que cede é vencida e a que reage triunfa.

NO CINEMA

É a magna diversão da môça brasileira atual. O teatro decaiu, as festas de salão do século passado, caducaram.

A platéia escura do cinema é o lugar predileto dos namorados modernos.

Não se pode condenar o cinema em si mesmo. É uma conquista magnífica da técnica. Nem tampouco negar que êle é um dos maiores responsáveis pelo fracasso, pela desgraça definitiva de milhares de môças.

A maioria dos filmes são portadores da mais brutal característica do ianquismo: a vida erótica de indivíduos imaginários, ou mesmo reais, o lenocínio, o adultério, o divórcio, o nudismo são os temas favoritos das películas. Na tela fascinante, ao som de música lasciva, a mocinha contempla extasiada não os dramas de amor, porém a tragicomédia do sensualismo, glorificada, erigida em norma de conduta.

O grande psicólogo Laburu, S. J. faz notar o poder de sugestão e imitação do cinema, advertindo que os atôres foram escolhidos para atôres exatamente por sua capacidade de realizarem os personagens.[45]

A jovem inexperiente mesmo contra sua vontade é fortemente influenciada pelos maus exemplos atualizados insinuantemente no fascínio das cenas impressionantes.

Imaginem-se dois namorados na platéia escura, abraçados, ante os quadros vivos da pornografia mascarada de amor sob a volúpia da música sensual e compreender-se-á que o cinema é usina de prostituição, sala de espera do adultério.

---

45 P. Laburu, S. J., *Psicologia Médica.*

Um inquérito efetuado num instituto correcional de decaídas revelou dados alarmantes sôbre as conseqüências morais do cinema.

Meditem as nossas inteligentes jovens sôbre algumas conclusões daquele inquérito:

Eram 78. Setenta e duas declararam que o cinema havia influenciado sôbre sua desgraça.

Palavras textuais daquelas infelizes: "Muitas vêzes ainda aquelas cenas imorais me enchem a imaginação." "As danças indecentes que vi me perseguem dia e noite." "Desde então nunca mais tive gôsto pelo que é puro."

Mais fatal ainda que a lubricidade da tela é a volúpia da platéia.

Ouçamos ainda as mesmas testemunhas: "Uma vez despertada a sensualidade, excitados os baixos instintos, já não é difícil a môça deixar-se seduzir. Ali, na escuridão, já se permitem muitas ousadias!"[46]

Algumas chegam a torpezas incríveis durante o espetáculo.

Para as *habituées* do cinema, certos filmes espantosos não oferecem novidade. Mas as mocinhas que ensaiam os primeiros passos por êsses caminhos arriscados, podem tirar da desgraça alheia lições práticas, antes do primeiro escorrêgo à beira íngreme do abismo escuro.

---

46 *Apud* Pe. Lacroix, *O Problema Sexual.*

SEDUTORES PROFISSIONAIS

Êles se encontram por tôda parte. Solteirões uns, outros casados. Grã-finos, "bonitões", endinheirados, insinuantes. Mestres consumados da sedução, êles conhecem os mais variados meios de enganar as jovens incautas. Uma de suas táticas consiste em pedir a môça em casamento para entrar na intimidade da família, gozar das regalias que para infelicidade de muitas môças se concedem atualmente aos noivos. Satisfeito o perverso instinto, êles desaparecem abandonando a vítima.

Nunca é demais a reserva da jovem perante o homem. Deve ser, porém, mais rigorosa quando se trata de gente cujo passado se ignora.

Há poucos anos uma de nossas capitais foi abalada por um crime singular. Em plena avenida central uma jovem abate com três tiros um homem, antes que os transeuntes atônitos o socorram. Tratava-se de um dêsses "gaviões". Era a terceira noiva que êle corrompia.

É pena que aquela coragem não tivesse levado a jovem a reagir ainda em tempo de fugir à desonra, sem tornar-se homicida.

A MÔÇA POBRE

Nas grandes cidades a situação da môça pobre é muitas vêzes dramática. Não raro, trágica. Não

se trata aqui da operária de fábrica, mas da mocinha do comércio, da repartição. Soem ganhar menos que as da fábrica, tendo um padrão de vida muito mais elevado.

Pela manhã, ela deixa na humildade do seu barraco a mãe descalça, os irmãozinhos sujos e maltrapilhos, e se dirige ao trabalho, nos ambientes aburguesados.

O contraste é brutal. Destituída de formação profissional, moral e religiosa, a jovenzinha vai para a batalha, desarmada.

Naturalmente ela adquire uma concepção falsa da vida. Odeia em breve sua condição, torna-se artificial, inquieta, infeliz. Passa fome, muita fome para conseguir um trajo que lhe oculte a situação financeira e social.

Quando o coração desperta, ela afasta da fantasia o jovem de sua condição. Vai procurar o grã-fino perfumado, de Cadillac ou pelo menos o comerciário, o bancário, o pequeno burocrata. Algumas vivem num contínuo sobressalto, temendo que o namorado descubra o tugúrio onde elas moram.

Os homens perversos conhecem a fundo estas coisas. Êles sabem por experiência que nesses casos a mocinha fàcilmente cai na armadilha da sedução, sob juramento de um matrimônio rico, ou até de alguns milhares de cruzeiros.

Não é sòmente a môça de favela que está nesse perigo. A jovem, de condição modesta, também pode sucumbir à tentação dos galãs dom-juanescos. Há

jovens fortes que superam a situação brilhantemente, conservando-se honestas em meio dos perigos.

Há tempos no Rio, a vendedora de uma loja reclamava do burguês aumento do miserável salário com que sustentava a mãe inválida e o irmãozinho. Uma tarde êle respondeu: Venha ao escritório no fim do trabalho. Vou ver o que poderei fazer. Ela entrou no escritório quando já se retiravam os últimos empregados.

Cinco minutos depois, o patrão levantou-se, fechou a porta, sentou-se e sorridente fêz as mais vantajosas propostas financeiras, inclusive alugar um apartamento no centro para ela com a mãe. E concluía: Estamos sòzinhos...

Formalizando-se, Alda cravou no monstro um olhar faiscante de cólera e fulminou-o com estas palavras: "Miserável! Abre a porta!"

Trêmulo e ofegante, estarrecido pelo inesperado, o devasso abriu a porta a Alda que se afastou pressurosa.

ATRÁS DA CORTINA

Todo problema humano, diz algures Maritain, é um problema teológico. É que o homem, vivendo embora envolvido nas mundanidades, possui um destino superior. Seus atos bons ou maus não se perdem no espaço e no tempo. Cada um dêles tem ressonâncias eternas.

Trairia sua missão quem, mostrando à juventude os escolhos das leviandades, não lhe apontasse as conseqüências da impureza.

* * *

Deus é o Senhor. Para bem da humanidade êle amparou o amor com o preceito imutável: não pecarás contra a castidade. Lei irredutível e eterna como o próprio Deus. Tôdas essas trucidações do amor são pecados graves; toques em partes por si mesmas excitantes, feitos com intenção libidinosa, abraços e beijos demorados, cheios de sensualidade, são verdadeiros pecados de impureza. Ora, Deus disse pelo Apóstolo S. Paulo: "Sabei-o bem: nenhum fornicador, nenhum impudico terá herança no reino dos Céus."[47]

Um missionário francês narra o seguinte fato:

Havia em Paris um jovem casal de noivos. Pouco antes do dia marcado para o casamento, a noiva faleceu. O rapaz ficou alucinado. Era católico e tinha relações de amizade com o superior de um convento. Conseguiu hospedagem na casa religiosa, a ver se alcançava um lenitivo à dor sem nome, num recolhimento de oito dias.

Na noite seguinte do primeiro dia às 22 horas o Superior despertou por um grito angustiado. Correu à cela donde partira a voz. Bateu à porta de modo a acordar com o ruído outros sacerdotes. O jovem não dava sinal. Chamou-se um guarda, comunicou-se o

47 Efésios, V. 5.

caso à polícia, arrombaram a porta, encontraram-no como morto sôbre o leito.

Uma hora depois à vista dos padres, de algumas autoridades policiais e do médico, êle acordava gritando: Padre, quero confessar-me. Minha noiva acaba de visitar-me. Veio envolvida numa nuvem sulfurosa de fogo e fumaça. Eis o sinal que ela deixou. Apontava para um genuflexório onde a condenada pusera a mão em brasa. Os dedos incendidos penetraram na madeira, deixando sinal carbonizado.

Suas palavras em voz triste e aterradora foram estas: "Ó miserável! Vê minha desgraça. Maldita hora em que te conheci! Malditos encontros que me atiraram no inferno eterno! Tu terias a mesma sorte se não tivesses buscado esta casa santa!"

Foi neste momento que êle gritando desfalecera. Aquêle môço ordenou-se Sacerdote e foi para as missões da África. Fêz penitência. Estava salvo, mas nada pôde conseguir para a infeliz a quem as intimidades precipitaram no fogo eterno.

De Deus não se zomba. "Agora o prazer, mais tarde a amargura."

MÁ ESCOLHA

Já apontamos longamente a falsa procura de um noivo e a má preparação do Matrimônio como grandes responsáveis pelos fracassos no amor.

Um mau casamento é sempre uma desgraça. Porém, quando a môça se prepara bem ao matrimônio e casa mal porque não soube escolher, que fato lamentável!

Banal mas expressiva a quadrinha popular:

"São Soubera não é Santo
Nunca valeu a ninguém,
Depois de tudo perdido
São Soubera logo vem".

Vamos portanto, cara jovem, examinar sèriamente tôdas as portas douradas que levam à masmorra lúgubre de um mau casamento antes que você diga desiludida: Ah! se eu soubesse disso!

NOIVADO A JATO

Já passou à categoria dos lugares-comuns dizer-se que estamos num século relâmpago. O avião a jato, o rádio, a televisão, engoliram as distâncias.

Nem por isto o coração humano abriu mão de sua profunda exigência em matéria de amor.

Até pelo contrário, aumentou-a. No tempo em que a mulher vivia incondicionalmente para o lar, ocupando-se apenas em profissões caracteristicamente femininas, julgando-se inferior ao homem, era de fato mais fácil superar os imprevistos, as conseqüências de uma escolha errada do que atualmente.

Hoje a espôsa pode ter situação de igualdade em relação ao marido, como sócia e colaboradora num empreendimento qualquer.

Juntem-se a isto os exageros femininos, a inegável baixa da moralidade e compreende-se que hoje o problema da escolha é de maior relevância que outrora.

Mesmo naqueles tempos em que nossos avós sustentavam que a mulher era escrava do homem, nem tudo se passava à maravilha nos casamentos em que o pai ou as côrtes determinavam à môça casadoura a escolha do noivo. Haja vista o que entre nós sofreu D. Leopoldina, a nobre austríaca que nunca chegou a falar a língua do marido. Muito menos D. Pedro I falou alemão.

A precipitação na escolha, o noivado relâmpago figuram sem dúvida como a primeira causa do êrro em tão momentosa emprêsa.

Julieta conheceu Paulo num mês, no outro noivou, no terceiro casaram-se. Cinco meses depois se separavam.

Alguém lhe perguntou: "Que foi feito do grande amor que você tinha a Paulo?"

"No dia do casamento, quando nós entrávamos pela porta, o amor saltou pela janela."

UM NOIVO BONITO

Em matéria de beleza são as môças menos exigentes que os rapazes.

Algumas entretanto se apaixonam por um homem tão-sòmente por descobrirem nêle atrativos físicos. Vêem no amado uma divindade em carne e osso ou um anjo do Céu em figura humana.

Casam-se. Os sentidos se habituam com a tal beleza. A divindade vira gente, as asas do anjo caem.

O que se julgava amor eterno era paixão momentânea, tão rápida em seus assaltos como em suas retiradas.

Num drama de Espronceda, o marido arrependido de um dêsses casamentos, diz à espôsa desprezada:

"Quem pensaria jamais, minha Teresa,
Que de amargo pranto fôsse eterna fonte,
Tão inocente amor, tanta alegria,
Tantas delícias e delírio tanto?
Quem pensara jamais chegasse o dia,
Em que perdido o celeste encanto
E descoberta a venda a nossos olhos
Tudo o que dera prazer causasse nojo?"

O NOIVO RICO

"Virgem Santa do Rosário,
Fazei-me um favor inteiro;
Dai-me logo um maridinho
Que tenha muito dinheiro!"

Ilusão. É vulgar na linguagem burguesa dizer-se "fulana casou bem" pelo fato de ela ter casado com um môço rico.

A felicidade do casamento não se prende absolutamente ao dinheiro. Até pelo contrário. É principalmente na classe média, nas famílias de situação modesta, que encontramos os esposos mais ditosos.

As qualidades do noivo são muito outras como veremos depois. Quem coloca a felicidade do casamento no dinheiro, termina ficando sem dinheiro nem felicidade.

Fato semelhante é a escolha baseada na alta posição do noivo.

A grande superioridade social de um dos cônjuges sôbre outro tem desfeito em sangue muito casamento.

A môça ou o rapaz de condição modesta que se casa na alta sociedade, logo no dia das bodas sente-se humilhado entre pessoas de nível cultural e social muito superior ao seu. Talvez naquela festa se encontrem pela primeira vez as duas famílias dos noivos. Mas não se misturam. Tem cada qual sua linguagem, centros de interêsses diversos.

Em Fortaleza faz alguns anos, tema favorito de anedotas era a filha de um fazendeiro casada com o presidente do Estado.

DOENTE

Erram aquêles que desprezam o espírito em matéria de amor.

Também se enganaria quem olvidasse o valor do corpo no casamento. O matrimônio une os espíritos mas através dos corpos.

"Para o cristão, não existe no casamento uma escolha entre corpo e alma, ou entre sexo e amor. Êle tem que escolher ambos e juntos."

Casar com homem sem saúde ainda que seja bom é fazer um casamento doente. Êle precisa mais de enfermeira que de espôsa.

Meditem êstes conselhos profundos e sábios de um grande Mestre:

"Principalmente as môças se acautelem; de muitas sei eu que com o casamento se ataram a cadáveres e em pouco tinham nas veias e transmitiam aos filhos a putrefação que contraíram.

Em face de semelhantes perigos, pensem maduramente os que ainda podem recuar. Não trepidem mesmo em fazer uma violência ao coração, certos das largas recompensas que lhes trará o futuro. Os que não recuarem terão muito de que se arrepender. Não perca tôda a vida por um momento de irreflexão ou capricho.

Não basta não ser doente. Requer-se uma boa saúde."[48]

48 Pe. Negromonte, *Noivos e Esposos*. Livro nunca bastante aconselhado aos noivos e espôsas jovens.

CORROMPIDO

É comum o homem depravado, enjoado pelos prazeres torpes, procurar no casamento um derivativo, um refúgio.

Sem dúvida muitos se regeneram. Por outro lado, é certo que a maioria dêles, dissipado o enlêvo da lua-de-mel, ou mesmo da espera e chegada do primeiro filho retornam ao vício.

É palavra do Papa: "Aquêles que, antes do casamento, costumavam condescender com seus desejos, mesmo torpes, chegados depois ao Matrimônio, serão tais quais foram antes de contraí-lo."[49]

Sacerdotes e médicos conhecem bem a tragédia das espôsas ludibriadas pelo marido devasso. Êles as têm visitado no leito de dores atrozes em conseqüência de moléstias ignóbeis que o espôso lhes trouxe dos antros de perdição.

Dr. Carnot conta o seguinte fato: Uma jovem de boa família sonhara com o casamento. Preparou-se para êle sèriamente. Aos 18 anos casou-se, pura, virtuosa, idealista. Empreenderam longa viagem de núpcias. Tempos depois, Dr. Carnot a encontrava pálida, cadavérica, irreconhecível.

Perguntou-lhe pelo marido. A desditosa mulher desatou em convulso pranto. Depois disse, soluçante: "Meu marido é um monstro. Contagiou-me uma doença vergonhosa. Abandonei-o."

---

49 Pio XI, *Casti Connubii.*

CASAR COM VIÚVO

Entre nós ninguém tomaria a sério o provérbio popular: não me caso com viúvo, que é sobejo de defunto.

Em geral o viúvo precisa de casar-se. Há mesmo excelentes matrimônios de môças com viúvos tanto ricos como pobres.

Para aconselhar ou desaprovar tais casamentos, algumas distinções se impõem:

a) *Viúvo sem filhos.*

Equipara-se ao solteiro. Portanto a êle se aplica tudo o que se diz sôbre a escolha daquele.

b) *Viúvo com filha môça.*

É um perigo. A filha que por morte da mãe assumiu o govêrno da casa não vê com bons olhos a mulher que lhe parece uma intrusa.

Não se conforma. A espôsa, por sua vez, não se resigna ao papel de subalterna da enteada.

Os conflitos são inevitáveis. Salvo o caso, muito comum atualmente sobretudo no interior, em que o viúvo tem duas residências distintas: a da fazenda e a da cidade.

c) *Viúvo com filhos pequenos.*

Se êle em si mesmo tem qualidades do noivo ideal; se a môça está, depois de pareceres de pessoas idôneas e bem informadas e de longa reflexão, disposta

aos sacrifícios reclamados pela educação dos enteados, há probabilidade de "dar certo."

d) *Viúvo com filhos rapazes.*

É bem mais fácil para a madrasta desde que ela procure ser amiga dêles suprindo em parte a falta da mãe. Resta ainda o perigo de o viúvo ser muitíssimo idoso em relação à môça.

AMIGO DE INFÂNCIA?

Parece que seria o ideal a môça casar com o colega, o amiguinho de outrora. Entretanto nem sempre. Vejamos: As semelhanças que os ligavam na infância podem ter desaparecido. A educação de ambos talvez tenha sido muito diversa. O rapaz certamente ao longo da vida tem freqüentado ambientes que a môça desconhece. Nesse coração de vinte e tantos anos o mundo já tem introduzido muita coisa que não havia ali nos ingênuos dias da infância distante. Pelo contrário, a vida já roubou àquele coraçãozinho muitas pérolas que lhe exornavam a manhã da vida.

Casimiro de Abreu certamente pensava nesse esbulho da alma quando cantou:

"Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!" 50

---

50 Casimiro de Abreu, *Primaveras.*

Enquanto a môça se conservou pura talvez, por onde não terá passado nesses 18 ou 20 anos seu amigo de outros tempos?

Portanto o fato de se tratar de um amigo de infância não oferece por si mesmo garantias de uma união feliz.

Isto, porém, não quer dizer que se encontrando num môço as condições exigidas para o noivo deva temer-se por se tratar de amigo da infância, mas tão-sòmente afirmamos que não constitui no caso, critério de valor.

MAIS NOVO OU MAIS VELHO?

Não se pode omitir o problema da idade, em face do casamento.

A grande desigualdade é quase sempre desastrosa. A primeira finalidade do matrimônio são os filhos.

Ora, é muito sabido que a capacidade entre o homem e a mulher quanto à geração dos filhos é bem diversa.

A mulher pode assumir os encargos maternos aos 15 anos.

Ninguém considera apto para responsabilidade de chefe de família um mocinho de 16 anos. Já se notou, jocosamente, que D. Pedro II foi considerado idôneo para governar o Brasil aos 15 anos. Mas para governar uma mulher só o julgaram aos 18 anos.

Outra diferença. O homem pode ser pai até em muito avançada idade.

A capacidade procriadora da mulher não vai além dos 50 anos.[51]

Sem descermos a certos motivos de ordem biopsicológica já podemos tirar destas rápidas considerações duas conclusões:

a) O marido não deve ser mais novo que a mulher. Todos nós conhecemos os pungentes resultados dêsses casamentos.

b) Deve ser mais velho que a consorte. Não demais, é claro.

Na sua filosofia, banal na aparência mas às vêzes profunda, o folclore cearense canta:

> "Môça que casa com velho
> Está tomada do maldito.
> Não crê na religião,
> Já perdeu a fé de Cristo."

Deixem as velhas casar com os velhos, que é melhor.

Não nos furtamos a citar a palavra sempre rica do nosso Mestre:

"A grande diferença de idade é clima propício às ciumeiras. A velhota não deixa o môço um só

51 Deus tudo fêz muito bem feito. O pêso dos cuidados com o bebê recai quase todo sôbre a Mãe. Imagine-se uma senhora de 70 anos com um bebê nos braços.

instante; o velho não permite à menina sair sòzinha à janela. E a vida se torna um inferno."[52]

PARENTE?

Desde a aurora do cristianismo, há vinte séculos, a Santa Igreja reprovou o casamento entre consangüíneos. De tal modo, que sem uma dispensa, que ela só concede se houver motivos sérios, é nulo o casamento de parentes até o terceiro grau.

As mais recentes descobertas biológicas (como aliás sucede noutros ramos do saber humano), os últimos estudos sôbre a hereditariedade, vêm confirmar a sabedoria dessa Igreja que Payot chamava "grande educadora dos povos."

Embora a hereditariedade ainda encerre muitos segredos, já nos ministra lições magistrais, confirmadas pela evidência dos fatos.

Acham os biólogos modernos que a transmissão dos caracteres dos pais aos filhos se faz através de partículas microscópicas denominadas genes.

Esclareçamos com o seguinte exemplo: O pai branco, transmite a côr branca ao filho. O veículo dessa côr branca é um gene. Se a mãe do menino era branca, fatalmente êste também será branco.

Se, porém, um dos progenitores fôr branco e outro prêto, os dois genes, portadores de côres diversas passarão ao filho.

52 Pe. A. Negromonte, *Noivos e Esposos.*

Mas neste caso uma das qualidades do que é portador do gene permaneceu oculta. O menino nasce branco ou prêto. Porém a qualidade oculta fica nêle e vai aparecer depois nos seus descendentes.[53]

Dêste modo, os descendentes de um homem têm, claros ou ocultos genes dêsse homem. E podem transmiti-los a seus filhos, tanto os caracteres claros como os ocultos.

Outra conclusão: quanto mais perto estiver o descendente de um tronco portador de determinada qualidade, tanto mais probabilidade existe de herdar essa qualidade.[54]

Passemos agora à transmissão hereditária de predicados ou defeitos.

Baseados nas leis de herança, a partir de Galton, no fim do século passado, os sábios têm sistematizado uma Nova Ciência denominada Eugenia. Ela tem por fim aperfeiçoar a família humana.[55]

Os eugenistas deram o nome de gene negro ao gene portador de qualquer enfermidade biológica.

Se o pai transmite ao filho o gene condutor de qualquer moléstia, mas a mãe lhe dá um gene sadio, contrário a tal moléstia, o filho pode nascer perfeito.

---

53 Nosso objetivo não comporta mais amplas explicações sôbre as leis de Mendel. E' bom notar que em se tratando de raças mistas, há misturas dos caracteres. É assim que filhos de pai prêto (não legítimo) e mãe branca, podem sair morenos, nem totalmente da côr do pai ou da mãe.

54 A razão é que em cada geração pode dar-se a influência dos genes de um progenitor sôbre os do outro.

55 Conf. Tihamer Toth — *Eugenia e Catolicismo*.

Exemplo: João é descendente de uma família de pulmões fracos, predisposto à tuberculose. Sua espôsa tem "pulmões de ferro". É provável que os genes de insuficiência pulmonar que João transmite ao filho sejam contrabalançados pelo gene contrário da mulher.

Imagine agora que você case com um seu primo.

Como você e êle descendem de um só tronco, avó ou avô, transmitirão aos filhos alguns genes idênticos.

Se um dêsses genes era negro? Negro mais negro é igual a negro. O menino será doente. Poderia ser robusto com a condição de ambos os pais não terem genes negros.

Mas como a raça humana é cheia de mazelas, acontece que filhos de parentes estão sujeitos a taras e enfermidades que poderiam ter sido evitadas se os dois houvessem casado noutras famílias.

Os fatos nesse terreno são patentes e numerosos. Sòmente a cegueira do amor ainda leva parentes a se casarem entre si, pondo em cheque a saúde dos filhos e sua própria felicidade.

CASAMENTO E RELIGIÃO

Incalculável a importância do problema religioso em matéria de amor. Em nossa pátria, hoje influenciada pelo renascimento espiritual moderno, mesmo os que vivem fora da Igreja confessam a influência da religião no amor, na família.

Já vimos acima, que só o amor cristão subsiste ao embate dos imprevistos da vida conjugal. O casamento não visa apenas ao encontro efêmero de dois corpos, mas à união indissolúvel de duas almas.

Ora, pergunta Desmarais, porventura poderão as almas se unir quando não participam dos mesmos pontos de vista em relação ao sentido da vida?[56]

São três as possíveis posições de tão momentoso problema:

a) Noivo ateu

b) Indiferente

c) De outra religião

Examinemos a situação de duas almas em cada uma dessas hipóteses.

a) *O marido ateu*

Jamais entenderá o sentido profundo do amor conjugal. Busca no Matrimônio apenas a satisfação dos sentidos, ou qualquer outro objetivo egoísta.

Talvez nos primeiros tempos de casado chegue mesmo a ir à Missa com a espôsa. Mas não tardará a discórdia. E a pobre espôsa que esperava convertê-lo ver-se-á convertida em uma escrava.

b) *Indiferente*

Pràticamente é mais ou menos a mesma coisa. Êle despreza aquilo que a mulher tem de mais sagrado:

---

56 Embora se dê também o caso de rapaz católico casar com môça não católica, limitamo-nos só ao problema da môça.

os seus sentimentos mais profundos, sua fé, os interêsses da alma. E a educação dos filhos?

Qualquer Sacerdote poderia citar às centenas os desastres, as tragédias oriundas do casamento da môça católica com rapaz indiferente em matéria de religião.

c) *Herege*

São bem conhecidos os casos de môças católicas, até filhas de Maria casarem com herege. A Igreja opõe dificuldades. Em última instância celebra o casamento sem nenhuma solenidade.

Nenhuma graça recebe o môço. A Igreja exige pelo menos o compromisso de os filhos serem educados na religião católica. Compromisso que em geral é violado.

Dificilmente o marido herege deixará de atacar a religião da mulher. Esta por sua vez não o perdoa. E os filhos educados nesse ambiente de desentendimento e brigas?

Môça protestante case com rapaz protestante; môça católica, com rapaz católico.

As môças costumam apelar para a conversão futura do marido ateu, indiferente, ou de outra religião.

É certo que o homem é bem mais domável que a mulher. A dedicação compreensiva e carinhosa de uma espôsa, consegue o que não logram argumentos científicos e morais.

Nessa hipótese, é bem mais seguro tentar a conversão do môço antes do noivado. Pelo menos antes do casamento. Depois talvez seja tarde demais.

O plano da presente obra não permite maior extensão dêste assunto. Remetemos, pois, nossas jovens leitoras ao nunca assaz elogiado livro do nosso Padre Negromonte: *Noivos e Esposos*. Em doze páginas vibrantes e profundas o insigne mestre analisa sob todos os ângulos o drama angustiante do casamento entre pessoas de religião diversa, com uma fôrça de argumentos que não encontrei em nenhuma outra obra.

DESIGUAIS EM CULTURA E INTELIGÊNCIA

Nem sempre é possível à môça encontrar um noivo com uma cultura igual à dela. Na mesma classe social é comum as jovens serem mais cultas. Na classe média são mais numerosos os rapazes que "vão trabalhar" aos quinze anos, enquanto as irmãs prosseguem os estudos, "formando-se". No interior, principalmente. A filha de fazendeiro é muito mais adaptável ao internato. O rapaz (corrompido muitas vêzes antes de terminar o curso primário) não suporta o internato. Volta para a fazenda, salta no jipe ou fica na cidade ocioso e, adeus estudos.

Daqui o ser muito freqüente casar-se a môça diplomada com o fazendeiro, o bancário, o comerciante de poucas letras.

Tais maridos em geral não dão valor à cultura da mulher. São capazes de dizer com Eurípides: "Oxalá não entrasse em minha casa mulher que saiba mais do que uma mulher deve saber."

Duas almas assim dificilmente combinam. As idéias são diversas. Ela gosta de música, de literatura, de poesia. O marido só entende de lavoura, de criação, ou das atividades bancárias, de compras e vendas, etc.

No comêço tudo azul. O noivo ou o jovem espôso resume aos olhos deslumbrantes da amada tôda a poesia dos trópicos, tôda a beleza das artes. Os sentidos cansam. A monotonia enfada. O marido da amiga é inteligente, culto, alinhado... Decepção... desilusão, vácuo. Ela experimenta necessidade invencível de alguém que a entenda. Há mulheres heróicas que superam semelhante situação. Mas muitas sucumbem vencidas, pessimistas, mortas em vida.

* * *

Outras vêzes é o homem culto que se casa com a môça ignorante.

Que suplício para êle! Fora de casa, os amigos, as amigas a falar de operetas, músicas, de livros e autores; do último *best seller*, da situação mundial, etc. Em casa a mulher tôsca, inepta, incapaz de entendê-lo.

Um caso recente. Brilhante advogado casou com certa môça rica mas inculta. Logo na viagem de núpcias êle passou vexames sem conta. A mulher tôla, incapaz de falar sôbre qualquer assunto cultural, o fêz corar muitas vêzes nas palestras com pessoas educadas.

Durante anos êle trabalhara, burilara o seu primeiro livro. Um dia volta à casa, radiante. Oferece à espôsa um exemplar do primeiro filho de sua inteligência. Ela abriu canhestramente o volume, virou algumas páginas sem ler e depondo-o sôbre a mesa foi dizendo: "Fernando, nós temos que ir hoje no parque; tem palhaço bacana. Todo mundo já foi."

Dada a diferença entre a psicologia masculina e a feminina, ainda é pior a situação de casal culturalmente diverso quando o cônjuge ignorante é a mulher.

A mulher é mais afetiva que o homem, tem mais facilidade em adaptar-se a um marido de cultura inferior à sua que o marido culto de se ajustar à espôsa ignorante.

O homem, nas circunstâncias em que se encontra Fernando, instintivamente suspira por uma alma feminina capaz de pensar e sentir com êle.

Está aberto o caminho trágico para desarmonias definitivas.

INTERVENÇÃO DOS PAIS

Em negócio capital como a escolha do noivo não se deve menosprezar a influência dos Pais. Êles possuem direitos sagrados sôbre a filha. Gozam do prestígio da experiência.

De dois modos podem os pais influir aqui:

a) Opondo-se à escolha feita pela filha.

b) Procurando impor-lhe determinado candidato.

Examinemos separadamente essas duas atitudes.

a) A môça encontra um partido que lhe parece excelente. Os pais não querem o casamento. Algumas se irritam, cometem loucuras, chegam mesmo a fugir com o rapaz. Costumam ser infelizes.

Antes de tudo humildade. Calma. Pode ser mero capricho paterno. Mas pode existir motivo suficiente para a oposição.

A môça, nesta situação, peça humildemente explicações aos pais, aconselhe-se com pessoas idôneas. Se puder convencer-se prudentemente de êrro, de injustiça, da parte dos pais, então poderá continuar.

Mesmo em se tratando de oposição injusta dos pais, Santo Afonso, Doutor da Igreja, acha que então, ante as conseqüências que podem advir da atitude dos pais injustos, é melhor a môça retroceder, sujeitar-se.

b) Os pais, por qualquer motivo, querem forçar a filha a casar com um môço que ela não ama. Recorrem aos mais variados subterfúgios para sujeitá-la. O coração alheio é fortaleza que não se conquista à fôrça. Impomos leis aos sentidos, ao sensualismo, à cólera, a demonstrações externas de afeto, etc.

O coração, porém, é invencível. Perante o suplício, a tortura, a morte, a vontade pode curvar-se, mas o coração responde altivo: "Não vou, me levam".

Humberto de Campos nos conta um dêsses dramas. Um noivo lhe escreve angustiado. Casara com uma jovem por quem se apaixonara. Ela a princípio recusava. Compelida pelos pais, aceitara. Agora,

ao início de viagem de núpcias, lhe diz melancólica. e enérgica: "O corpo é seu. Faça dêle o que entender. A alma e o coração jamais serão seus."

Duas vidas frustradas, invencìvelmente infelizes!

O domínio paterno não atinge êsses penetrais misteriosos do coração. Seja a môça humildemente franca: Não o amo. Não devo casar com êle. Não casarei.

PREPARAR-SE DE LONGE

Tratamos longamente das loucuras cometidas pelas jovens na falsa preparação ao Casamento. Passemos à verdadeira preparação.

Não basta evitar as leviandades comprometedoras. Mais importante ainda, é preparar-se bem para o casamento.

Quando deve começar essa preparação? No berço. Tudo o que se fizer pela educação desde o alvorecer da vida vai repercutir no problema do amor.

Entretanto tratamos aqui do trabalho pessoal. Da reeducação.

É você que por uma luta séria deve completar sua educação, sua preparação para a felicidade conjugal.

São muitos os livros modernos de Formação para a môça.

Alguns ótimos. Temos indicado. ao longo destas páginas, obras sólidas nas quais você, leitora, encontrará motivos de estímulos e auxílios no trabalho magnífico de edificar a sua personalidade feminina.

Entretanto, convém lembrarmos aqui algumas normas indispensáveis à preparação da môça para a vida.

UM DOTE PARA O NOIVO

"Procurai primeiro o reino de Deus e o resto virá por acréscimo." É o grande conselho de Jesus Cristo aos que suspiram pela felicidade. Especialmente à mocinha que deseja a conquista de um grande amor.

Os rapazes em geral exigem muito de sua futura espôsa. Sonham por vêzes com uma noiva tão virtuosa, que a gente duvida que tal ideal se encontre entre as mortais...

Referindo-se à sua futura noiva, Ozanam escreve: "Desejo que ela traga consigo quanto se pode exigir de graças exteriores, para assim me evitar o mínimo sinal de pena; mas o que sobretudo desejo é que traga forte cabedal de virtude, que seja melhor, muito melhor que eu... que me ajude numa contínua ascensão do espírito e depois, que seja também condescendente. Não vá eu envergonhar-me da minha inferioridade..."

É mais ou menos isto o que todo môço exige da noiva.

Os mais complacentes consigo mesmos soem ser os mais severos em relação à companheira.

Mesmo sem saber êles confirmam a palavra do Divino Espírito Santo: "Ditoso o homem que tem uma mulher virtuosa, porque será dobrado o número de seus anos. A mulher forte é a alegria de seu marido e lhe fará passar em paz os anos de sua vida.

A mulher virtuosa é uma sorte excelente e um prêmio dos que temem a Deus. O que é o sol para o mundo, quando nasce nas alturas de Deus, assim é a bondade duma mulher virtuosa para ornamento de sua casa."[57]

Ou a môça leva ao casamento magnífico dote de virtudes ou será infeliz, e fará infeliz o marido. E os filhos!

* * *

A esta altura a leitora já pensou: Mas que é a virtude? Como saber se sou virtuosa?

Virtude é o hábito de agir honestamente de acôrdo com normas retas de conduta.

SER LIVRE

Só é realmente livre quem sabe dominar-se. A môça virtuosa é livre. Controla a afetividade, reprime enèrgicamente os impulsos passionais: declarações imprudentes de amor, carícias extemporâneas, explosões de cólera, numa palavra tôda a impetuosidade irracional do temperamento, dos instintos inferiores.

Os instintos são cegos. O temperamento, também. Guiar-se pelo temperamento, pelos instintos é ser escravo de um cego. Dizer-se que alguém é tempera-

57 Ecles. XXVI 1-2-3-21.

mental equivale a afirmar que tal pessoa não tem virtude, que é dominada pelo seu psiquismo inferior.

A vitória sôbre o psiquismo inferior não se consegue sem esfôrço generoso e diuturno.

Agora que você pensa no problema grandioso de seu amor, é tempo de tomar a peito o vencer-se. O trabalho interior de contrôle do espírito sôbre os desejos da afetividade e dos instintos é absolutamente indispensável, é mesmo urgente para quem busca a felicidade. Sobretudo no casamento.

No livro do P.e Geraldo Pires: *Na Escolha do Futuro*, você encontra normas práticas sôbre a aquisição das virtudes ou noutros têrmos sôbre a ciência do contrôle pessoal.

Sòmente a virtude da mulher conquista o verdadeiro amor do homem. "A mulher bonita, diz Amelot, amamos por inclinação natural; as feias por interêsse; as virtuosas amamos por reflexão."

A ausência de virtudes torna detestável a jovem bela. A virtude faz amáveis as feias.

UM CONSELHO DE S. PAULO

A piedade é útil para tudo.

Se você fôr piedosa será virtuosa, será livre, gozando a liberdade dos filhos de Deus.

Piedade verdadeira! Não basta freqüentar a igreja. Há numerosas môças que freqüentam a igreja, que são filhas de Maria ou zeladoras de uma

multidão de obras e que apesar de fita azul, de seus rosários e seus cânticos não têm real sentimento religioso. Desconhecem as verdadeiras fontes de piedade. Sua religiosidade não se funda num amor real de Deus.

Resumamos as interessantes reflexões de E. Montier sôbre as qualidades que deve ter a piedade da futura espôsa:

a) Piedade bondosa.

Isto é, cheia de tato e bom senso. "Ditoso aquêle que vive com uma mulher de bom senso."[58]

b) Piedade séria.

Isenta de certas leviandades indignas de uma jovem cristã.

c) Piedade amável.

Alegre, bondosa, cativante, que mostre por sua presença, seus modos, suas palavras, o caráter atraente da religião.

"O que possui uma mulher bondosa começa a formar sua fortuna."[59]

d) Piedade consoladora.

É a piedade da mulher forte da Sagrada Escritura: "Ela é mais preciosa que as riquezas vindas dos confins da terra. O coração do seu marido põe nela a sua confiança e êle não necessitará de des-

58 Ecles. XXV — 11.
59 Prov. XXXI — 10 — 12.

pojos. Ela lhe dará o bem e não o mal, em todos os dias de sua vida."[60]

TRABALHO E CULTURA

A vida, dizia Weber, é uma arte e a vida matrimonial é a parte mais delicada e difícil dessa arte.

A felicidade da mulher casada é de fato arte dificílima. Reclama energias que só se adquirem nos dias risonhos e otimistas da mocidade. As grandes renúncias da vida da espôsa heróica são o resultado de pequenos nadas colhidos ao longo do caminho florido da juventude.

Especialmente em nosso século de valorização do trabalho, não basta à futura espôsa o esfôrço espiritual para a conquista de si mesma. Ela tem que ser habilidosa, trabalhadora. Não se trata de encarecer o trabalho como meio de tornar-se independente do marido.

É um êrro do feminismo. Mas do trabalho da mulher forte, indispensável a uma dona de casa dos nossos dias. E não falamos aqui da necessidade de habilitar-se para ajudar o marido, na manutenção da família, principalmente nos grandes centros. Nem tampouco de preparar-se para substituí-lo quando fôr mister. Era de desejar-se que o campo de ação da mulher fôsse apenas o lar. Mas os tempos mudaram.

60 Ecles. XXXV — 26.

Impossível algumas vêzes reagir contra as situações sociais. É contudo muito importante que você esteja convencida de que o seu noivo exige de você uma excelente dona de casa.

* * *

A democratização atual do ensino secundário aumentou as possibilidades de a môça instruir-se. Cresceu também nesse ponto a exigência masculina.

A inteligência é maravilhoso dom divino. Urge desenvolvê-la pelo conhecimento da verdade. É grande obrigação da jovem aperfeiçoar seus conhecimentos, ampliar suas idéias. E não apenas com fito meramente intelectual mas com vistas à cultura.

O estudo das ciências, o conhecimento das artes, leituras mesmo recreativas, numa palavra: tudo o que você aprender deve enriquecer a inteligência, fortificar a vontade, purificar o coração.

Convença-se dessa verdade: cada nova idéia boa recebida e assimilada, representa um aumento de valor de sua personalidade.

UM CORPO SAGRADO

"Não sabeis que vossos corpos são templo do Espírito Santo?", diz S. Paulo.

O corpo do cristão participa da santidade que o batismo produz na alma.

Seu destino é ressuscitar glorificado para eternizar-se no Céu numa juventude sem fim.

Longe de condenar o culto do corpo, a doutrina católica o inculca. Só é condenável o colocar-se o corpo acima da alma quando é certo que é do espírito que o corpo tira a sua dignidade.

SAÚDE

Sem saúde é impossível o bom desempenho das obrigações de espôsa e Mãe.

De duas maneiras deve a jovem cuidar da saúde física: afastando tudo o que lhe parece nocivo e buscando os meios de conservar ou readquirir a robustez.

Já nos referimos amplamente aos malefícios de certas práticas muito boas para rapazes mas altamente nocivas às môças.

Se condenamos o excesso recomendamos o uso racional do esporte:

"Os esportes moderados estão ao alcance de tôdas e trazem apreciáveis resultados.

A marcha a pé, o tênis, a natação fortificam o organismo e ajudam a dispô-lo para as funções sagradas e difíceis da maternidade."[61]

Não insistimos noutros meios práticos de conservar a saúde e avigorar o organismo. Tôda môça os conhece. De passagem todavia lembramos a urgência da abstenção de certas extravagâncias como sejam: vigílias prolongadas, excessos na alimentação, bebidas alcoólicas, banhos frios e outros exercícios nos dias do mês em que o corpo feminino exige cuidados especiais.

61 Pe. Negromonte, *op. cit.*

UMA RECEITA PRATICA

No dia em que minha avó paterna completou, há pouco, 100 anos, gozando de absoluta lucidez de espírito, foi entrevistada pelos jornais.

Perguntaram-lhe pelo segrêdo da saudável longevidade daquela centenária que criara e amamentara 18 filhos. Ela respondeu, sorridente e enérgica: "Nunca me alimentei em excesso; nunca fiquei ociosa; nunca me deitei tarde; nunca amanheci dormindo."

BELEZA FÍSICA

É preocupação envolvente da mocinha, parecer bela. Não há mal nessa tendência, desde que se proceda racionalmente, cristãmente.

A formosura da mulher diz a Bíblia Sagrada, alegra o rosto do marido e produz nêle um afeto superior a todos os desejos do homem.[62]

Sòzinha nada vale a beleza. Unida ao pudor e à bondade, é dote apreciável.

Aquêle grande pregador que foi S. Bernardino de Sena repreendia com veemência as mulheres casadas que não se ornavam para agradar aos maridos.

62 Ecles. XXXVI, 24.

Muita união conjugal se arruína pelo desleixo da espôsa para com sua pessoa. Ora, como cuidará da boa aparência depois de casada, a jovem que em solteira não cuida de sua beleza?

Daí o direito que assiste à môça de trajando-se modestamente, seguir com bom gôsto a moda de seu tempo.

O mal, como sempre, não está no uso, mas no abuso.

O NAMORADO

Já vimos exaustivamente o perigo do namôro.

Entretanto êle é necessário. O namorado, embora não deva assim acontecer, é a preocupação central da môça.

Limitemo-nos a ligeiras indicações sôbre como proceder nesse terreno perigosíssimo.

Môço puro

À medida que cresce nalguns meios, infelizmente muito restritos, a formação integral dos adolescentes, vão surgindo entre nós os moços puros.

São os namorados ideais. Ao lado da virgem que amam, êles se consideram o seu cavalheiro, o seu defensor. Ditosa a jovem que ao longo do caminho em busca do matrimônio só namora moços puros.

Onde se encontrarem?

A môça virtuosa não procura, não aceita encontros com o namorado em lugares escuros. É no claro, à vista de todos, que ela conversa com rapazes. Os moços honestos gostam dessa medida de prudência.

Respeito e energia

A virgem pura deve ser tímida. Receia qualquer contato menos honesto. Nem sempre lhe será possível namorar sòmente moços puros. Encontrará mesmo quem a procure com intenções perversas.

Mas se você repelir com energia a primeira tentativa a vitória é certa.

Os irmãos rapazes

A môça que tem um irmão compreensivo e amigo possui um bom Anjo da Guarda.

Muito melhor que a jovem, o irmão môço conhece os rapazes. Sabe por experiência viva o que êles dizem, o que êles fazem, o que êles pensam da môça leviana e da séria.

Às vêzes é difícil combinar com o irmão nesse negócio de namôro. Êle costuma ser demais zeloso pela honra da irmã. Por isso ela prefere afastá-lo dêste setor de sua vida.

Você, leitora, procure se apoiar na experiência de seu irmão. Com jeito e carinho conquiste a amizade dêle.

Mesmo êle sendo muito mais novo que você, na qualidade de rapaz, tem dessa matéria conhecimentos que você só poderá adquirir depois de muito tempo de casada.

A jovem ajudada em seus amôres pelo irmão é uma fortaleza invencível.

VIRGEM CRISTÃ

"Onde estiver uma Virgem, há um templo de Deus."[63]

O sentido de virgindade na linguagem burguesa atual deve ser reformado, porque é falso. Reduz-se a virgindade ao plano material sòmente. Êste êrro abre portas a muito desvario de conseqüências funestas para as jovens modernas. É dupla a virgindade:

A virgindade material, a virgindade espiritual.

A primeira pelo fato de ser material é mais sensível.

Porém a virgindade espiritual é mais importante. E mais fácil de ser perdida. É jóia de fino quilate que se mancha ao mais ligeiro contato de mãos impuras.

O seu noivo futuro não quer apenas o seu corpo virgem. Êle quer também a virgindade de sua alma.

63 S. Agostinho, *De Virg.*

O fato mesmo de uma jovem ter sido beijada uma vez por outro, repele de muitos rapazes a idéia de fazê-la espôsa.

Bem-aventurados os puros porque verão a Deus, diz o Divino Mestre.

A donzela cristã deve sentir-se na sociedade atual como o portador de grande tesouro em terra de salteadores.

Sua coroa branca só se mantém imaculada em meio à poeira do século se ela souber cobri-la com o véu das virtudes, estribada na idéia grande do seu valor de virgem cristã e alimentá-la pela graça divina, nas fontes dos Sacramentos que a Igreja oferece a seus filhos.

O espaço da presente obra não comporta um tratado sôbre os grandes meios de formação da virgem cristã.

A môça desejosa de formação não se contenta com a leitura de um só livro. Você conhece a *Formação da Donzela* do P. José Baetman, e *Minha Filha Entra na Vida* da autoria de Soares de Azevedo? São livros preciosos. Pode pedi-los na Livraria U. P. C., Av. Afonso Pena, Caixa Postal 552, Belo Horizonte, Minas.

ESCOLHER QUEM?

A escolha do marido é um plano de guerra. Quem erra está perdido e sem remédio.

No rigor dos têrmos, a môça não escolhe: espera, aceita. Fala-se entretanto de escolha, porquanto ela tem que eleger um dos pretendentes encontrados.

Os antigos romanos representavam Cupido, o deus do amor, cego de ambas as vistas.

Um poeta nosso exprimiu a cegueira do amor nesses versinhos populares:

"Quem ama julga que a vida
Neste mundo sempre dura
Julga ser inquebrantável
A coluna da ventura,
Zomba do tempo e da morte
Duvida da sepultura.

Faz da criatura amada,
Um deus, um sagrado trono
O florão da primavera,
O esplendor do outono,
Não crê que exista a morte,
Irmã do pesado sono."

É assim mesmo a pessoa apaixonada. Por isto, antes de apaixonar-se, a môça deve formar um critério racional e cristão sôbre a escolha do noivo.

Lancemos alguma luz nesse caminho escuro.

UM SÓ CORAÇÃO, UMA SÓ ALMA

Fêz-se dos primeiros cristãos êste elogio. Êles viviam unidos em Cristo uns para a felicidade dos outros. Êles tinham um só coração, uma só alma.

Uma jovem da Ação Católica colocou no seu convite de casamento esta expressão cristã: Unidos em Cristo.

Que os dois se amem, é a primeira condição do casamento feliz, dessa união em Cristo.

Já se disse que Matrimônio sem amor leva ao amor sem matrimônio, o que aliás não é amor.

Sòmente corações e almas que se amam vivem felizes no casamento.

No primeiro capítulo já examinamos, à luz da psicologia, a atração pessoal, a concórdia, pilares do amor.

Também já vimos quem não se deve escolher. Vejamos agora: quem escolher.

UM BOM AMIGO

"Escolha para espôso aquêle que você escolheria para sua amiga, se êle fôsse mulher."

Êste pensamento de J. Joubert encerra o grande segrêdo do matrimônio venturoso.

"O amigo fiel é uma forte proteção: quem o encontrou, achou um tesouro."

"O amigo fiel é um bálsamo de vida e de imortalidade e os que temem o Senhor acharão um tal amigo."[64]

Um amigo é alguém que pensa, e sente conosco; que nos ajuda a sermos melhores, a sermos mais felizes.

É uma alma que vibra com a nossa em face da beleza, diante da vida.

Antes de você comprometer-se com um môço, examine se de fato êle é capaz de ser um bom amigo, de tôdas as horas, das horas doces e dos lances amargos.

SADIO

"Um pobre são e cheio de fôrças vale mais que um rico fraco e atormentado de doenças."

"Um corpo robusto vale mais que imensos bens."[65]

A môça casa-se para constituir família. Deve cuidar da saúde futura dos filhos. Só deve, pois, aceitar como espôso um homem capaz de ser Pai de uma prole robusta e numerosa.

BOM PROFISSIONAL

Há tempos saía uma lei na Noruega obrigando a môça que queria casar-se a apresentar um diploma

---

64 Ecles. VI-14-16.
65 Ecles. XXXI-14-15.

garantindo que ela sabia cozinhar, costurar, fazer meia, bordar. Boa medida.

Com maior razão deve a môça exigir do seu pretendente um comprovante de que êle poderá manter dignamente o lar futuro.

"Peça-se ao homem uma situação definida, pelo menos a garantia suficiente de por sua inteligência, sua atividade, sua coragem, ante os reveses da vida, adquirir no momento oportuno, a situação que tem o direito de ambicionar."[66]

Luís Pasteur lecionava para custear os estudos. Depois de nomeado assistente da Universidade, indo visitar o Reitor da Academia, apaixonou-se por uma filha dêle.

Quando foi pedi-la em casamento declarou ao futuro sogro:

"Meu pai é tanoeiro. Haveres não tenho. Tôda minha riqueza consiste numa boa saúde, num coração valente e no meu lugar na Universidade. Sou professor agregado de Ciências Físicas." Casaram-se. É sabida a contribuição que aquela espôsa trouxe à glória de Pasteur.

Concluamos êste parágrafo com as judiciosas palavras de um grande amigo dos jovens: "Quando a jovem espôsa sabe poupar, tratar da sua cozinha, fazer mil coisas por sua mão; quando o marido sabe trabalhar com inteligência e esfôrço, atrair lealmente, por suas boas qualidades, concursos úteis e seguras

---

66 Raul Plus, *A Caminho do Matrimônio*.

promessas de colocação próxima e compensadora, por que não hão de êles tentar a sorte, ou melhor, por que não hão de confiar serenamente no auxílio de Deus? Prudência, sim, mas alegre confiança."[67]

OS MELHORES MARIDOS

Um acadêmico de Medicina, referindo-se a um colega valentemente puro, fazia a seguinte reflexão: "Em nosso meio já admiramos o jovem controlado, o môço que vai ao casamento completamente puro. São os melhores maridos."

Ouçamos a propósito Edith Carnot: "Não será de desejar que o jovem ao qual vai uma noiva entregar o coração, ao qual ela se confia, para a vida inteira, seja capaz de dedicar-lhe um amor digno do que lhe vem ao encontro?

Ora, quem será mais apto para tanto? Será aquêle que, por ter "percorrido as mulheres" julga conhecer a mulher quando seu egoísmo gozador o deixa na ignorância quase total do coração feminino, ou será aquêle que teve por hábito respeitar a mulher e respeitar o amor?

Para o jovem puro, a mulher não é mero instrumento de gôzo, mas sua companheira e sua igual.

Tem para com ela tôda sorte de atenções.

Sabe que o amor é um dom mútuo em que cada qual se consagra à felicidade do outro.

---

67 Raul Plus, O.C..

As primeiras efusões de um coração intato que êle oferece à sua jovem espôsa são para esta o mais belo testemunho de amor.

Desejais, por certo, encontrar no vosso espôso as mais belas qualidades morais!

Pois bem! A castidade, guardiã do amor, é também o mais poderoso meio de aperfeiçoamento pessoal."[68]

BOM CATÓLICO

A môça católica deve aspirar a um marido que participe com ela as mesmas idéias sôbre a santidade do matrimônio, a sacralidade do amor, a educação dos filhos, etc. etc.

Ora, se você é católica, quem melhor que o jovem católico poderá convir com você em pontos tão essenciais à felicidade conjugal?

UM NOIVO IDEAL

Há muito você esculpiu na sua fantasia o retrato do seu noivo ideal. É mais ou menos o tipo daquele jovem que conheceu num momento de enlêvo, na vida real, no teatro, ou no cinema.

Um belo dia lhe aparece outro diverso dêle. Privado talvez dos predicados do jovem com quem você sonhava.

---

68 Edith Carnot e Dr. Carnot, *A Serviço do Amor* — Edição Feminina.

Sem saber como nem por que, você começa a sentir-se prêsa por êle.

A seu lado lhe parece que se todos os jovens do mundo morrerem não lhe fariam falta. Perto dêle você experimenta algo de misterioso.

Procure saber se realmente êle possui as qualidades que você lhe atribui. Se prudentemente acha que possui, prossiga. É o seu noivo ideal. Será feliz com êle.

ONDE?

O jovem Ozanam acabava de convencer-se de sua vocação ao matrimônio. A vida idealista, heróica e pura que levara da adolescência à juventude o dispusera plenamente para a felicidade conjugal.

Onde encontraria uma jovem capaz de compreendê-lo?

Uma tarde o grande jovem foi a casa de um professor amigo, que possuía um filho inválido. A enfermeira do pobre rapaz era uma filha do professor.

O quarto do doente ficava ao lado da sala. Ozanam observou enlevado a bondade angélica com que a jovem servia o pobre irmão.

Numa segunda visita, repetiu-se a mesma cena.

Frederico Ozanam amou-a. Casaram-se. Viveram um para o outro, ambos para os filhos, para os pobres, para a humanidade, para Deus.

Em meio às provações, sentiam-se plenamente venturosos. O amor humano santificado pela caridade lhes dava a fortaleza suficiente à sublimação de tôdas as dores.

Não é geralmente no ambiente artificial das festas mundanas que se trava o conhecimento necessário ao desabrochar de um verdadeiro amor.

O Padre Negromonte escreveu com aquela maestria que só êle possui: "Só na família pode um candidato ser devidamente observado. Meio natural, contínuo, próprio, obriga a pessoa a mostrar-se como verdadeiramente é, expondo suas idéias, revelando seus sentimentos, vivendo suas tendências.

É inútil fingir: todos o conhecem, assistiram-lhe ao desenvolvimento, acompanharam-lhe a formação, ouviram-lhe dezenas, centenas de vêzes, os projetos, as ambições, os ideais.

Uma atitude afivelada nada lhe adianta, antes lhe atrai o ridículo, porque ninguém conserva nas condições normais e diuturnas do lar maneiras ou idéias de empréstimo.

Ficando à vontade, volta-se instintivamente ao natural. O espírito se cansa das posições forçadas, tão ràpidamente como o corpo.

As manifestações de temperamento e de caráter não têm as conveniências das salas de festa nem os interêsses do escritório.

A môça ou o rapaz mostrar-se-ão entre irmãos, tais como são: autoritário e despótico, ou acomoda-

tício e complacente, exigente e implicante, ou tolerante e conformado, razoável e compreensivo ou injusto e desarrazoado, confiante e largo, ou ciumento e mesquinho, egoísta ou generoso, franco ou reticente, perdulário ou avarento, impetuoso ou moderado, trabalhador ou preguiçoso, etc.

No lar há muito pouco lugar para esconderijos morais. Ali todos estão marcados com a devida etiquêta. Se o môço egoísta e preguiçoso mostra-se desinteressado e trabalhador ante a môça de sua escolha, as irmãs logo chacoteiam: "Gente! Que milagre foi êste?" As máscaras não resistem.

É na vida de família que os candidatos devem ser observados. Como vivem com os seus, como se adaptam ao ambiente doméstico, como reagem ante os inevitáveis atritos de uma convivência diuturna, como tratam os pais, irmãos, e parentes. Não pode haver ilusão. Assim se portarão êles no lar que fundarem.

Só na vida de família somos naturais: aí devemos ser estudados pelos que nos quiserem como realmente somos. Os pretendentes que não fizerem esta experiência farão outra muito mais difícil e muito mais perigosa."[69]

69 Pe. A. Negromonte, *op. cit.*

NOIVADO

É pois tempo de vermos de perto a preparação próxima do casamento.

Imaginemos que você tem há algum tempo um "namorado firme".

Encontraram-se muitas vêzes. Você começa a descobrir nêle as qualidades básicas para uma união feliz.

Querem casar-se. Não há, porém, ainda uma certeza sôbre tais qualidades, sôbre a concordância entre vocês dois.

Casar na dúvida seria um jôgo arriscado. Não se pode fazer duvidando um compromisso que só a morte desfaz.

Daí a necessidade do noivado. Tempo de seriedade, de observação, tempo de oração.

"Os futuros esposos apresentem-se ao matrimônio bem dispostos e bem preparados a fim de que possam mùtuamente confortar-se nas alegrias e tristezas da vida e mais fàcilmente conseguir a salvação eterna."[70]

As môças rezam para achar um noivo. Tôdas as noivas devem rezar a fim de saber se o noivo encontrado é realmente o "SEU" noivo ideal.

70 Pio XI.

Tudo o que atrás dissemos sôbre as ciladas do namôro se aplica também ao noivado. Êste não muda a natureza do homem.

Pelo contrário, cresce para a môça o perigo.

A roupagem do noivado tem servido de mortalha a muita môça inexperiente.

Assombrosa percentagem das mulheres decaídas foram vítimas dos noivos.

"Se quiserem ver os documentos vejam os comunicados oficiais da polícia do Rio sôbre os crimes sexuais.

O que tenho em mãos é de 1935 e dá um total de 654 crimes. Pois bem; dêsses criminosos 111 eram noivos e 422 namorados. Viram? Nem podia ser de outra maneira. Dificilmente um estranho ou desconhecido teria oportunidade para um crime desta natureza."[71]

Nestes pecados do noivado tiveram muitas vêzes origem certas rupturas estranhas entre casais das classes elevadas. O mau noivado preparou muito casamento infeliz, muito adultério, muita desgraça, muita lágrima tardia.

Argumentemos com a voz concreta dos fatos.

"O velho relógio da enfermaria feminina soava duas horas da madrugada. Silêncio em tudo. Na rua, nas casas, no hospital.

71 Pe. A. Negromonte, *op. cit.*

Na enfermaria feminina, duas pessoas velam: a irmã enfermeira e uma jovem mãe, internada na tarde anterior.

A doente sofre, medita. Relê as páginas de fogo de um livro sombrio, começado numa tarde venturosa de março e que vai terminar sinistramente em breve.

Pensa na maldade humana, na ingratidão de alguém que ela amou e agora odeia com tôda a veemência colérica de um grande amor desprezado. Pensa na inocente criancinha que à tarde ela beijou a vez primeira e que nunca mais há de ver.

Calcinada pela febre sua imaginação volve ao passado: Os dias venturosos da infância distante; a vida colegial; os primeiros sonhos de amor da adolescência, o seu primeiro amor, aquêle mocinho de 15 anos, ingênuo, e puro; as festas de família, as férias; a mocidade faustosa, os bailes no clube, o verão na praia; o primeiro encontro com êle.

Eram páginas candentes que a enfêrma sorvia delirantemente.

Êle! Como lhe amargava hoje aquêle nome tão doce outrora: Paulino!

Ah, se ao menos ela pudesse varrer da memória aquêle homem, aquêle amor, aquêle drama, aquêle ódio!

A primeira vez que saíram os dois sòzinhos, na tarde radiante do noivado, não lhe prometera Paulino tanta felicidade?

Só lhe restava agora a dor! A dor sem nome, fatal, suprema, assassina! Cinco anos de incertezas, de fel, de aflições.

E agora?

Um gemido pungente chamou a atenção da Religiosa para a cama vinte.

— Que é, minha filha?

— Irmã, sofro, sofro, mais do coração que do corpo. Preciso falar, quero escrever uma carta. Irmã, por caridade, escreva!

— Sim, diz a Irmã: Vai à secretaria e volta com o papel.

— O endereço. Não, Irmã!

E ditou:

— Minha mãe! Mamãe! Lembra-se ainda do dia do noivado de sua filha mais nova, a Celina? Recorda-se das discussões que tivemos com o papai cada vez que eu queria sair sòzinha com o Paulino?

O resto a senhora sabe. Mas o que ignora, Mamãe, é o que eu tenho padecido nestes cinco anos.

Ah, mamãe, quantas amarguras! A senhora dizia que me queria ver feliz! Por que não me matou quando eu era pequena?

Quando esta carta lhe chegar às mãos eu já terei morrido. Meu corpo sem carne e sem vida, estará esquecido numa sepultura do terceiro plano do cemitério. Mas tudo não estará terminado. O quarto fruto daquele amor infeliz, o único que o pai maldito permitiu nascer vivo, porque êle já andava longe de viagem... de núpcias, me havia definitivamente abandonado: aí fica. Fica para lembrar à senhora o seu crime, a minha desgraça ou..."

Calou-se a enfêrma. A Irmã corre ao telefone. Dez minutos depois, chega o Padre Capelão.

Sôbre a cama vinte, êle encontrou um cadáver de mulher em cujos restos macilentos brilhava a derradeira lágrima.

Romantismo? Novela?

Não! Fatos da vida real.

ASSUNTOS DE PALESTRA ENTRE NOIVOS

"Há entre nós absoluta incompatibilidade de gênio."

É a freqüente desculpa dos casais que não se toleram. Se há de fato tal incompatibilidade de gênio depois do casamento, já existia antes. Por que não foi descoberta a tempo de se obstar à catástrofe? Noivado mal feito.

Por que não se discutirem nas longas conversações de noivado uma multidão de assuntos dos quais depende mais tarde a boa convivência?

Diversões

É preciso que pelo menos nalguns pontos possam chegar a um acôrdo nessa matéria. Tratando-se de pessoas cultas, deve haver um mínimo de semelhança nos gostos artísticos. Do contrário, pragramas de rádio, filmes, teatros, e leituras — tudo isto escolhido sob critérios opostos — em breve desfarão a harmonia conjugal.

Alergias

Êsse neologismo substitui o velho têrmo idiossincrasia. E com a vantagem de popularizar-se. Passou da Medicina à Psicologia: tenho alergia por isto, tenho alergia por aquilo, são expressões corriqueiras da linguagem burguesa.

Por que não se falar durante o noivado em repugnâncias naturais ou adquiridas capazes de originar mal-entendidos no casamento?

CHOQUES TEMPERAMENTAIS

Muitos têrmos psicológicos passaram, quase sempre deturpados, à linguagem vulgar.

Há môças que se blasonam de serem temperamentais.

Ser temperamental equivale a não ter caráter, pois o caráter resulta do triunfo da razão e da vontade sôbre o temperamento.

De fato o temperamento mal disciplinado ocasiona atritos.

Entre casados, são prelúdios sombrios de discórdia.

Entre noivos, podem ser excelente indício de que os dois não nasceram um para o outro.

AMOR E SACRIFÍCIO

Sem sacrifício não há amor. O noivado tem por fim provar a existência do amor entre duas vidas que pretendem unir-se.

Exige portanto uma seqüência de renúncias que simultâneamente são sinal de amor e meios de purificação do amor.

A principal fonte de sacrifício dos noivos deve ser o conservarem-se nos limites da moral cristã durante êsses meses que decidirão talvez de sua felicidade ou de sua desgraça.

Não será fácil para a môça deter as investidas sensuais do noivo.

Ela tem que armar-se de coragem e mesmo de heroísmo para conservar-se pura.

Os motivos fortes que lhe assistem para defender-se devem ser também assunto embora rápido mas categórico das repetidas palestras do noivado.

Procure convencer o seu noivo que vocês estão se preparando para um ato sagrado, o sacramento; devem respeitar-se mùtuamente antes de contrair um compromisso tão sério.

Ambos terão que procurar na freqüência dos sacramentos a fonte necessária ao sacrifício de um noivado puro.

Felizes os noivos que sabem buscar no confessionário e na união com Cristo, pela comunhão e na devoção a Maria, a santificação do amor humano.

DURAÇÃO DO NOIVADO

Há muito casal arrependido de noivados a jato.

Não seja o noivado nem longo demais, por exemplo, de mais de um ano, nem muito rápido.

O noivado longo traz o perigo de um conhecimento excessivo dos corpos com prejuízo para a alma, para o amor.

No brevíssimo, há o risco de não se conhecerem bastante antes de se amarrarem.

ROMPER OU CONTINUAR

Um jovem sério comunicando o seu noivado me escrevia há dias:

"Estou me preparando serenamente. Temo não dê certo, negócio tão importante. O noivado vai prolongar-se por alguns meses. Se durante êsse tempo eu me convencer que não vai dar certo, romperei o compromisso."

É difícil executar semelhante atitude.

Certas conveniências sociais: o nome, a posição de família, são outros tantos empecilhos ao rompimento de um noivado.

Por isto, muita prudência antes de noivar.

Entretanto é mil vêzes preferível "desmanchar" a tempo o casamento a pretender desfazê-lo depois com uma separação que nada conserta.

NOIVOS E ESPOSOS

É o título do maior livro que já se publicou no Brasil sôbre casamento.

Antes de você ficar noiva, leia esta grande obra da maior autoridade nêste domínio, o P.e A. Negromonte.

Durante o noivado e nos primeiros anos de sua vida de casada, aquêle deve ser o seu livro de cabeceira.

Faça com que seu noivo e depois seu espôso também o leia, medite e ponha em prática.

Noivos e Esposos, atualmente já está na quinta edição e se encontra na Editôra José Olympio.

Naquelas páginas vibrantes, claras e profundas, você e o seu noivo descobrirão horizontes novos e imprevistos, em matéria de amor, casamento e família.

Orientada por êste guia experiente e sábio, você há de aproximar-se do grande dia do casamento com certeza de que vai ao encontro dos sonhos que você sonhou por tantos anos.

Será espôsa para ser mãe.

O amor humano transfigurado pela graça participa da eternidade, do amor divino.

Você, seu noivo, vocês dois e Deus amado por vocês, Deus procurado através dos laços frágeis da

carne, unida pelo sacramento e santificada pela graça, eis o grande mistério do matrimônio cristão.

Duas carnes, numa só carne, duas almas, numa só alma, a voarem nas asas do amor humano em busca daquelas núpcias eternas onde todos nós seremos uma só criatura com Cristo e por Cristo.

FIM

ÍNDICE GERAL

★

ÊSTE LIVRO FOI CONFECCIONADO NAS
OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" S. A., À RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
PARA A
LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITÔRA,
RIO DE JANEIRO,
CONCLUINDO-SE A IMPRESSÃO
EM AGÔSTO DE 1960,
ANO DA INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA.

★

Dois livros que enriquecerão
a sua biblioteca:

OS SANTOS QUE ABALARAM O MUNDO

René Fülöp-Miller

(Tradução de Oscar Mendes)

A história de cinco santos que, em sua imitação de Cristo, procuraram reproduzir o perfeito ideal de humanidade:

1 — S. Antão, o Santo da Renúncia;
2 — S. Agostinho, o Santo do Intelecto;
3 — S. Francisco, o Santo do Amor;
4 — S. Inácio, o Santo do Poder da Vontade;
5 — S. Teresa, a Santa do Êxtase.



Emilio Mira y Lopez

QUATRO GIGANTES DA ALMA

O Mêdo
O Amor
A Ira
O Dever

(6ª edição)

Um estudo das fôrças pelas quais o homem age.



Edições da
Livraria JOSÉ OLYMPIO Editôra